



## CASARÕES

Histórias das primeiras casas da nobre Av. Getúlio Vargas, que um dia já foi rejeitada pelos abastados, e a mansão que abrigou o cartunista Henfil na ditadura

## MEMÓRIA

MONUMENTO NA ITÁLIA HOMENAGEIA BRASILEIROS QUE LUTARAM NA II GUERRA MUNDIAL

## TURISMO

PARAÍSO AINDA POUCO EXPLORADO NO LITORAL NORTE POTIGUAR

## LUTO

O SENTIMENTO DE PESAR VAI ALÉM DA MORTE, PODE SER TAMBÉM PELO FIM DE UM NAMORO

## ÓRGÃO SEXUAL

Crianças que nascem sem definição do sexo estão sem exame de identificação no RN

## UFRN

A arquitetura que seguia modelo dos campi norte-americanos se mistura hoje à modernidade das linhas revolucionárias inspiradas em Corbusier

# THEODOMIRO SANTOS

Potiguar que foi o primeiro condenado à pena de morte na história republicana, preso e torturado, hoje juiz aposentado, conta sua história e o motivo de ter fugido às vésperas da anistia

**ZÉ SALDANHA:** Poeta que mais escreveu cordéis sobre o cangaço





EM 2015



CELEBRAMOS



17 ANOS NO MERCADO



**Mr. Foot**<sup>®</sup>

Podologia e Manicure

3221 - 5775

**#TRATAMENTO COMPLETO PARA OS PÉS**

- COM CORTE TÉCNICO DAS UNHAS,
- REMOÇÃO DE CALOS E
- CALOSIDADE FINALIZADO COM MASSAGEM;

**#REMOÇÃO DE UNHAS ENCRAVADAS;**

**#CAUTERIZAÇÃO DE VERRUGA PLANTAR;**

**#REFLEXOLOGIA;**

**#FOTOTERAPIA/ LASER;**

**#TRATAMENTO INFANTIL;**

**#MANICURA COMPLETA COM ESMALTAÇÃO.**



**Mr. Foot**

 3221.5775  @clinicamrfoot

Av. Rodrigues Alves, 597 - Petrópolis

# A LUTA CONTINUA

**MAIS QUE DE REPENTE CHEGA A NOTÍCIA** de que o seu braço direito terá que deixar o barco em plena navegação de sopro forte e favorável. O que fazer? No caso da Bzzz, lamentar a ausência do talento e da dedicação e desejar muito boa sorte, que o motivo é louvável. Nossa editora assistente Alice Lima fará mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Paraná (UFPR), durante dois anos. Um baque pela falta que fará à revista e ao portaldabelhinha e ao mesmo tempo uma felicidade imensa pela oportunidade que essa grande profissional seguirá. Mas, para a alegria geral da colmeia, a jornalista continuará produzindo matérias de sua habilidade notável para estas páginas, com curiosidades e boas dicas que encontrar nessa nova fase em um lugar enaltecido pelo seu desenvolvimento. E Alice se despede do posto com uma grande matéria, que resgata a instigante história do potiguar Theodomiro Santos, o primeiro brasileiro condenado à pena de morte na história republicana, pelo assassinato de um militar no auge da ditadura. Por que ele arriscou fugir da cadeia às vésperas da Anistia? Como conseguiu driblar a guarda? Que processo de tortura passou? Como foi o exílio na França? Como voltou para o Brasil e chegou a presidente de uma associação de magistrados? Como vive atualmente? O que acha do PT, partido ao qual já foi filiado? O que acha dos governos Lula e Dilma e de José Dirceu? Respostas dessas e outras perguntas na detalhada entrevista que Alice fez com o autor de tamanhas façanhas.

Quem diria que um dia a hoje Av. Getúlio Vargas, que concentra o metro quadrado mais valioso de Natal, foi rejeitada pelos mais abastados da cidade. Quem foram os seus primeiros moradores e qual o casarão que recebeu governadores, estrelas da MPB, altas patentes políticas e abrigou o cartunista Henfil nos tempos da ditadura. Curiosidades desvendadas na matéria de Thiago Cavalcanti. O pesquisador que marcou sua vida escrevendo cordéis com rimas que retratam o assunto cangaço está na boa matéria de Marina Gadelha. A história da arquitetura da UFRN, que foi traçada por um paraense com inspiração nos campi norte-americanos, para evitar aglomerações e troca de informações e hoje se mistura à modernidade das linhas, é descrita na matéria de Roberto Campello.

Esta edição da Bzzz chega completinha, a exemplo das anteriores. Mostra o drama de crianças que nascem sem o órgão sexual definido, enquanto a única unidade pública que fornece o exame de identificação há dois anos suspendeu o atendimento em Natal. No turismo, saiba quais os encantos de relax e gastronomia e investimento num paraíso chamado São José de Touros, coladinho ao éden chamado Gostoso. O arquiteto Wellington Fernandes fala sobre os arrojados e modernos traços de uma imponente loja em Natal. A cidade de Pistoia, na italiana toscana, exhibe um belo monumento em homenagem aos bravos pracinhas brasileiros que lutaram na II Guerra Mundial contra as forças de Hitler. Os dramas e bons momentos no front de batalha são contados pelo potiguar vivo que foi um dos heróis da resistência.

Em moda, Larissa Soares tira as dúvidas da inquietante pergunta “com que roupa e acessórios eu vou?”. Tem cultura com Carlos de Souza, bastidores políticos que revelou na minha coluna; dicas de turismo na coluna de Octávio Cavalcanti; o mix de balada com gastronomia na esquina que promete ser a mais charmosa de Natal, etc e mais. Seja bem-vindo às páginas da Bzzz.

*Eliana Lima*

## EXPEDIENTE



**PUBLICAÇÃO:**  
JEL COMUNICAÇÃO

**SITE DA REVISTA**  
**ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS**  
portaldabelhinha.com.br

**E-MAIL**  
revistabzzz@portaldabelhinha.com.br

**EDITORA**  
ELIANA LIMA  
elianalima@portaldabelhinha.com.br

**EDITORAS ASSISTENTES**  
ALICE LIMA, ANDREA LUIZA TAVARES,  
MARINA GADELHA

**REVISÃO**  
REGINA COSTA

**PROJ. E DIAGRAMAÇÃO**  
TERCEIRIZE EDITORA  
www.terceirize.com

**COMERCIAL**  
EDILÚCIA DANTAS  
(84) 9996 5859

**COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO**  
CARLOS DE SOUZA, JANAÍNA AMARAL,  
JULIANA MANZANO, LARISSA SOARES,  
LOUISE AGUIAR, OCTÁVIO SANTIAGO,  
ROBERTO CAMPELLO, THIAGO CAVALCANTI,  
WELLINGTON FERNANDES

**FOTO DA CAPA**  
JB PRODUÇÕES

**FOTOS**  
JOÃO NETO, FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA,  
SUELI NOMIZO

**GRÁFICA**  
UNIGRÁFICA

**TIRAGEM**  
6.000 EXEMPLARES

**ERRATA**  
Na edição de fevereiro, o texto do Túnel do Tempo saiu errado. O texto era para retratar a festa à fantasia para celebrar o aniversário de 40 anos de Miguel Josino, que faleceu no ano passado.  
Legenda: Miguel e a esposa Karla Motta receberam em noite glamorosa



**Pensou em exportar seu produto para o mundo?**  
**Pensou Banco do Nordeste.**

### CRÉDITOS PARA EXPORTAÇÃO

- Nordeste Exportação
- ACC (Adiantamento sobre Contrato de Câmbio)
- ACE (Adiantamento sobre Cambiais Entregues)
- BNDES Exim

### SERVIÇOS DE COMÉRCIO EXTERIOR

- Transferências Internacionais
- Cobrança de Importação e Exportação
- Câmbio Pronto de Exportação e Importação

### CRÉDITOS PARA IMPORTAÇÃO

- Cartas de Crédito
- Financiamento à Importação
- Garantias Internacionais

**PRODUTOS E SERVIÇOS DE COMÉRCIO EXTERIOR.**  
**É O BANCO DO NORDESTE AJUDANDO SEU PRODUTO A GANHAR O MUNDO.**

Com o Banco do Nordeste, sua empresa não tem limites. E nem fronteiras. Com o Nordeste Exportação, você tem acesso a uma linha exclusiva de crédito sem variação cambial e com juros extremamente competitivos. Para mais informações, acesse [www.bancodonordeste.gov.br](http://www.bancodonordeste.gov.br) e encontre a solução ideal para sua empresa ganhar o mundo.



SAC Banco do Nordeste - 0800 728 3030 | Ouvidoria - 0800 033 3033  
[www.bancodonordeste.gov.br](http://www.bancodonordeste.gov.br)

**SAÚDE**  
**10 LUTO**

Psicólogos explicam o transtorno provocado pela perda

**INICIATIVA**  
**18 Futebol**

Adolescente abre mão de viagem aos Estados Unidos para construir uma quadra e ajudar jovens carentes

**ARQUITETURA**  
**90 Diferenciada**

Projeto inovador da loja de decoração Oficina Interiores



**72**  
**TURISMO**



**80**  
**GASTRONOMIA**



**86**  
**ACERTE NOS**  
**EVENTOS**



# QUEM RESPEITA O TRÂNSITO



## Fique atento aos novos radares e sensores.

A Prefeitura do Natal trabalha para garantir a você um trânsito mais seguro. A fiscalização foi ampliada e novos radares e sensores foram instalados por toda a cidade. Fique atento: quem parar na faixa de pedestres, ultrapassar o sinal vermelho ou dirigir acima de 60 km/h será multado.

- > EVITE PARAR NA FAIXA DE PEDESTRES
- > RESPEITE O SINAL VERMELHO
- > NÃO DIRIJA ACIMA DE 60 KM/H
- > RESPEITE AS LEIS DE TRÂNSITO

Confira os radares e sensores no



**FAÇA SUA PARTE.**  
**DIRIJA COM RESPONSABILIDADE.**



# ELIANA LIMA

Com colaboração de Camila Pimentel, de Brasília



## CURIOSO

Grandes obras realizadas pelo governo federal por meio de Companhias Docas não ganham repercussão grandiosa como as tantas propaladas em outros setores. Uma e outra têm divulgação mais ampla... e outras, nem tanto. Ou nada. E são obras de valores milionários. Às vezes, bi. E de muitos aditivos.

## HISTÓRICO

Desde abril de 1981 que a administração do Porto de Natal passou a responsabilidade da Portobrás para a Companhia Docas do Rio Grande do Norte (Codern), empresa de economia mista, vinculada ao Ministério dos Transportes, criada pelo Decreto de nº 66.154, de fevereiro de 1970.



## PENSANDO BEM...

Com a extinção da Portobrás, em 1990, o Porto de Maceió (AL) passou a ser administrado pela Codern. Desde então continua sob os domínios do RN. Estados do Nordeste distantes pela malha área insuficiente. Capaz de se chegar mais rápido aos Estados Unidos que desembarcar de uma capital para outra.

## DOMÍNIOS

E há anos, longos anos, que os portos de Maceió e Natal têm forte influência do PT, que não abre mão de indicar as mesmas diretorias.

## RETAGUARDA

No início da atual legislatura, os gabinetes dos deputados federais receberam vários currículos - de motoristas a assessores parlamentares. Sem se preocupar com o desemprego que acelera no país, o gabinete do deputado Raul Julgmann (PPS-PE) resolveu fazer um comunicado: "Equipe completa". Quem sabe para não serem importunados por pessoas à procura de emprego.

## É

Nem na capital federal emprego está fácil.

## TODOS DE PRETO

E o CQC continua roubando a cena nos dias de sessões ordinárias na Câmara dos Deputados. Até que os parlamentares têm respondido as perguntas dos incisivos apresentadores da Band. Eles ligam a câmera, empunham o microfone... e salve-se quem puder. Na primeira semana deste mês, duas equipes do programa estavam a postos na passagem para o Salão Verde. Tensão de quem via ao longe o cativo Rafael Cortez em busca de parlamentares à própria sorte.

## COM QUEM SERÁ?

A ex-governadora Rosalba Ciarlini ainda não se pronunciou sobre qual legenda irá aportar após sua desfiliação do DEM. Fala-se muito no PP, partido do seu cunhado Betinho Rosado e do sobrinho deputado federal Beto Rosado. Maaasss... vale lembrar que o PP foi um dos partidos mais atingidos na Operação Lava Jato, do presidente nacional da legenda, Ciro Nogueira (PI), ao deputado bonitón Dudu da Fonte (PE), passando pelo senador Benedito Lira (AL), que estão na lista do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, como possíveis envolvidos no esquema de corrupção na Petrobras.



Uma obra com arquitetura assinada por Oscar Niemeyer em Natal continua abandonada pelo poder público. Trata-se do Presépio de Natal, inaugurado em 2006, após investimentos de R\$ 1,7 milhão, com recursos do governo federal, e nunca, jamais, utilizado. No espaço deveriam funcionar lojas e lanchonetes, eventos, ponto de cultura e lazer para a população. Contudo, todavia, o cenário há muito é de deterioração, cada vez mais, com lixo e pichações. O espaço serve como abrigo para moradores de rua e circuito de autoescolas.

## POIS É

Obra de responsabilidade do governo estadual, inaugurada na gestão de Wilma de Faria (PSB), muito se prometeu sobre recuperação e utilização das mais diversas. A última foi em dezembro de 2013, quando a então governadora Rosalba Ciarlini propalou que tinha acertado com representantes do Banco do Brasil transformar o local em Centro Cultural Banco do Brasil. Nada. Só dinheiro público pelo ralo. Até hoje.

## BOM

Resta aguardar o que o novo governador, Robinson Faria (PSD), pretende fazer do local, com a retomada da obra do arquiteto brasileiro que mais levou o nome do país aos holofotes mundiais.



## PONTE

Patrícia Abravanel revelou em entrevista a Eliana como conheceu Fábio Faria: pelo Facebook. A partir de uma mensagem - fechada - que ele enviou para a bela. Ela achou um desaforo. Muito mais quando ele enviou um gigante buquê de flores. Mas, o tempo foi passando e a herdeira de Sílvio Santos apostou no que ia dar e passou a paquerar com mensagens via hashtag pelo Instagram. FF logo percebeu e assim seguiu. Até o primeiro beijo. Por iniciativa dela.



## GRINALDA

Sobre o casamento, Patrícia disse quem não será mais em maio. A correria dos dois em ponte aérea - ele passa dois dias em Brasília, segue para Natal e depois São Paulo, quando não é ela quem faz o trajeto, com o herdeiro Pedro - vai adiando a troca de alianças. Quem sabe para próximo. Ou para mais tarde. O certo é que reconheceu que eles, antes da celebração chegar, precisam de momentos a dois. E programam viagem enfim sós.

# Perder DÓI

O luto é um processo certo na vida de cada pessoa. Não apenas pela morte, mas também por outros fatores, como o fim de um namoro. A falta de informação faz com que alguns não compreendam o pesar e associem a depressão ou outras doenças. Muitos tentam adiar os sentimentos que o luto acarreta e, assim, desenvolver em novo momento de forma mais complicada. É um processo que precisa de tratamento, inclusive em crianças

Por Alice Lima



**ANGÚSTIA, ANSIEDADE**, vontade de fazer a dor passar sem saber qual o remédio. O peito fica apertado e quem sente pode afirmar que se trata de incômodo físico e não apenas psicológico. Mas como explicar aos outros que dói por algo não estar mais ali? Esse conjunto de sinais indesejados pode se chamar luto e, ao contrário do que muitos pensam, não é necessário que alguém próximo tenha morrido para senti-lo. Pode ser o fim de um namoro, mudança de emprego ou uma aposentadoria. O diagnóstico é feito por psicólogos e há, sim, tratamento.

O luto é um processo pelo qual todas as pessoas deverão passar devido ao sofrimento gerado diante da ausência do outro ou de algo. O problema ocorre quando essa fase natural se torna mais difícil que o habitual, o que os especialistas chamam de “luto complicado”.

Natural e esperado, o pesar é um período de muitas oscilações de sentimentos, pensamentos e sensações. Esse estado não é apenas um processo individual, mas também familiar e social. Os sentimentos vividos podem ser de tristeza, raiva, culpa ou ansiedade. Características físicas como vazio no estômago, aperto no peito, nó na garganta, boca seca e falta de ar também podem acontecer.

Luto vai além. Entre as alterações cognitivas, confusão, sensação da presença, pensamento obsessivo sobre a pessoa ou coisa perdida e dificuldade de concentração estão presentes na vasta lista de alterações, assim como mudanças de comportamento que incluem hiperatividade, distúrbio de apetite e agressividade. A reação varia de pessoa para pessoa, mas não há como evitar o processo de luto.

O enlutado pode ter também sentimentos ambivalentes. O processo de luto está diretamente associado com o significado que o enlutado atribui ao que ou quem foi perdido. Por falta de informação, as pessoas não compreendem que estão vivenciando esse processo, elas acabam associando a depressão ou outras doenças. Ou podem não se permitir vivenciar aquele momento com os sentimentos que ele acarreta e adiar o processo que pode terminar aparecendo em outro momento de forma mais complicada.

# Ajuda profissional

O processo é natural, mas para entender se o luto transformou-se complicado o olhar deve ser outro. Para diagnosticar e avaliar qual o melhor tratamento, o recomendável é o auxílio de profissionais, ou seja, psicólogos com qualificações na área. No Rio Grande do Norte, o Núcleo Apego e Perdas é referência. Composto pelas psicólogas Marianna Mendes, Milena Câmara e Kátia Bezerra, o objeto é tratar pessoas que sofrem por perdas.

O lugar oferece psicoterapia, aconselhamentos, orientações, intervenções em emergência, além de cursos de capacitação, informação e supervisão para profissionais. Nem todos vão precisar do suporte profissional, o que pode ser avaliado por alguém capacitado.

Nos casos de perda para a morte, diversos fatores devem ser ponderados. Saber quem era a pessoa que morreu, qual o sentido que tem na vida de quem ficou e como se deu a partida são alguns deles. É muito complicado esperar que familiares e amigos próximos possam fazer esses discernimentos, uma vez que também estão sofrendo ou envolvidos na dor do outro.

A psicóloga Julita Sena, que

tem capacitação em morte e luto, trabalha na Liga Mosso-roense de Estudos e Combate ao Câncer, local que lida diretamente com perdas e dores de pessoas enlutadas. Ela explica que a intervenção profissional é de grande valia. “O sujeito enlutado precisa adquirir segurança diante da sua fragilidade, pois geralmente o processo de luto é um processo de reconstrução. Nesse percurso de superação é necessário se desprender de algumas coisas relacionadas ao falecido e procurar reconhecer aquelas que realmente fazem parte de si. Isso ajuda a viver uma saudade com mais amor e menos dor”, defende a profissional.

“O próprio enlutado pode avaliar se precisa de suporte, considerando suas necessidades de apoio e cuidado. Importante considerar se as reações à perda estão interferindo de forma significativa na continuidade da vida da pessoa, a intensidade dos sintomas e a persistência”, esclarece Marianna Mendes. A psicóloga alerta que há exigências da sociedade que podem dificultar o processo, uma vez que o sofrimento parece incomodar, o que deixa quem está sofrendo ainda mais solitário.



Psicólogas Milena Câmara, Marianna Mendes e Kátia Bezerra



Psicóloga Julita Sena

“

O luto complicado, se não cuidado, pode levar a algum tipo de adoecimento físico ou psíquico, como a depressão”

Marianna Mendes, psicóloga

## Luto complicado

É o luto que se caracteriza por algum tipo de extensão, distorção ou fracasso na vivência do processo do transtorno. Os mais próximos podem tentar observar se a pessoa está tentando reprimir, negar ou evitar aspectos da perda ou ainda segurar ou evitar o desligamento do que se foi.

“O luto complicado, se não cuidado, pode levar a algum tipo de adoecimento físico ou psíquico, como a depressão. As pessoas se enlutam pelos mais diversos tipos de perda, e o tempo do processo é relativo”, enfatiza Marianna. Dentro das variáveis do luto, há também o antecipado, quando é possível retratar as expectativas geradas em torno do diagnóstico de uma doença grave, antecipando literalmente sentimentos e ações que sucedem uma perda.

## É preciso sentir

O sentimento temido é um processo esperado diante de um rompimento de vínculo. Nesse caso, o luto precisa ser sentido, ser vivido, para que possa ser elaborado de forma mais adequada e não gere complicadores em outros momentos da vida.

“Falar sobre as perdas, sentimentos, pensamentos, enfim, ter

um espaço para compartilhar é de extrema importância para o enlutado em sua busca de sentido para a perda”, explica Marianna. É um processo de busca de sentido, assim o enlutado integra a perda em sua história descobrindo uma nova forma de se relacionar com a pessoa perdida.



## Crianças também podem sofrer

As crianças também enlutam-se. Diante da perda, seja para vida, como o divórcio, ou para a morte, a criança também apresenta sentimentos e sensações, que normalmente aparecem de maneira diferente do que acontece com o adulto. As principais características são agressividade, dificuldades de aprendizagem e medos.

Uma das dificuldades rela-

cionadas ao luto infantil é que os adultos, pais ou responsáveis, muitas vezes também estão enlutados e acreditam que precisam proteger a criança do sofrimento, cujo resultado pode ser gerar ainda mais sentimentos negativos. A criança também precisa de um “tempo” para se adaptar a perda e precisa ser respeitada e acolhida em sua dor.

A ludoterapia, psicoterapia fei-

ta com crianças, no caso do luto, é uma opção bem-vinda. “No momento de uma perda é comum que os adultos fiquem confusos e não saibam como lidar com a criança que também vivenciou a perda e a terapia também serve como forma de orientar os pais e familiares a lidar com a criança de forma mais adequada”, observa a psicóloga Marianna Mendes.



“

Procuramos manter a nossa vida e as pessoas que amamos vivas, mas nem sempre é disso que precisamos ou disso que elas precisam”

Julita Sena, psicóloga

## Eterno medo da morte

Questões sociais também são importantes. A morte ainda tem uma representação muito obscura e oposta à vida quando na verdade faz parte do ciclo vital. “Estamos inseridos em uma cultura que não lida facilmente com a morte e que não fala sobre ela. Por isso, algo que faz

parte de nós é ao mesmo tempo desconhecido e estranho. Procuramos a todo tempo e a todo custo manter a nossa vida e as pessoas que amamos vivas, mas nem sempre é disso que precisamos ou disso que elas precisam”, evidencia Julita Sena.

Para a psicóloga, que traba-

lha com o tema diariamente, o medo de perder pessoas queridas é mais intenso do que o receio da própria morte. Para grande parte das pessoas, a perda de um ente é algo muito difícil de lidar, até mesmo insuportável e, por isso, muitos gostariam de estar no lugar daquele que está partindo.





## Como informar sobre morte trágica

Especialista em luto pelo Quatro Estações Instituto de Psicologia (SP) e Laboratório de estudos do Luto (PUC), a psicóloga Milena Câmara trabalha o aconselhamento em grandes desastres, como em acidentes aéreos. Casos em que o aconselhável é que a notícia seja dada individualmente, em um lugar reservado.

Algumas vezes, contudo, os familiares acabam sendo informados por meio da imprensa e o choque tem consequências difíceis de se-

rem controladas. “Em casos de grandes desastres, são montadas bases de apoio nos locais onde está a necessidade. Quando há muitas vítimas, as famílias devem procurar quando sentirem o desejo”.

O processo natural e recomendável, segundo a profissional, é que a notícia da morte seja contada do início ao fim, como tudo aconteceu. Dessa maneira há mais conforto, mesmo em meio à turbulência. Em situações como essas ser direto não ajuda.



Milena participou de encontro sobre o luto em Taiwan

Também deve-se ter informações sobre a saúde de quem será informado, para que sejam tomados os devidos cuidados. “Quando ainda não há os corpos do acidente, os mais próximos podem ficar em estado de negação, o que chamamos de perda ambígua, quando existe a perda, mas não temos a ‘prova material’”, esclarece Milena. Rituais de despedida como velórios são indicados para ajudar no processo de mudança de realidade para quem fica, independente da religião seguida.

Pelo segundo ano consecutivo, em janeiro de 2014, Milena Câmara foi uma das duas brasileiras convidadas a participar de reunião de um grupo de estudiosos em luto, “International Working Group in Death, Dying and Bereavement”, em Taiwan, para uma semana de estudo e troca de informações entre profissionais da área de todo o mundo.

A brasileira observou diferenças no tratamento dado ao luto em outros países. No Brasil, são poucos psicólogos envolvidos de maneira aprofundada sobre o tema. “Em outras nações, outras profissões também tratam o luto e se qualificam, o que fortalece a rede e ajuda a população, que precisa debater mais o assunto a fim de amenizar sofrimentos e problemas”, defende a psicóloga.

# MENINO DE OURO

Adolescente desiste da sonhada viagem à Disney para aplicar o dinheiro na construção de quadra esportiva para meninos pobres de uma praia esquecida por gestões públicas. A ideia é afastar as drogas por meio do esporte, onde nem xingamento é permitido

**Por Alice Lima**

Fotos: Francisco de Oliveira



Projeto social ajuda jovens carentes por meio do esporte

**ESTÁ NA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL:** “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um”. A regra é clara no Artigo 217, no entanto, o acesso às atividades esportivas não é garantido igualmente a todos. Em comunidades mais pobres, quadras e espaços de lazer são, muitas vezes, improvisados e dependem da boa vontade de moradores e voluntários.

Em Natal, Rio Grande do Norte, o exemplo de um adolescente de 15 anos surpreende. O estudante Leonardo Rocha abriu mão do dinheiro com o qual faria uma viagem à Disney, Flórida, Estados Unidos, sonho dos que têm a sua idade, para construir uma quadra esportiva na Praia da Redinha que atenda a meninos de famílias pobres.

O desejo de mudar a vida de crianças e adolescentes que moram no bairro ou em comunidades próximas e a paixão que tem pelo futebol foram a mola para o impulso. O despertar para outras realidades surgiu da amizade com Daniel Andrade, jovem da sua idade, fi-

lho de uma funcionária da casa de praia da família. Desde pequeno, a mãe e o avô de Leonardo o levavam para veranear na Redinha e os dois garotos tornaram-se grandes parceiros.

Daniel sonha em ser jogador profissional, quem sabe do Flamengo, time de sua preferência. É visto por todos como um menino de excelente comportamento e que abraça oportunidades proporcionadas com colaboração do grande amigo.

Além dele, Leonardo conheceu um grupo de jovens que costumava jogar em uma quadra pública bem próxima. Com estrutura degradada, o local que pertence à prefeitura de Natal é bastante disputado e estava sempre ocupado. Foi daí que conheceu Alisson, professor de futebol e artes marciais que, em anos anteriores, fundou, ao lado do pai, o time de futebol Redinha Internacional Clube, com o objetivo de afastar os meninos do mundo do crime e das drogas por meio do esporte. Os dois então resolveram unir forças em prol de um projeto social e esportivo. Mas, para treinar e jogar, o time precisava de um espaço.



Quadra pública do bairro, onde os meninos jogavam, é imagem do abandono

O terreno onde está sendo construída a nova quadra pertencia a um clube ao lado e passou anos servindo como depósito de lixo. O grupo conseguiu a doação do terreno e, com o apoio da família Rocha, iniciou a obra em novembro de 2014. A dedicação ao projeto social é tanta que “Léo” não quer mais passar apenas as férias e finais de semana na Redinha, e sim morar definitivamente. Os meninos, em breve, irão jogar de frente para uma vista privilegiada, onde está o Forte dos Reis Magos, a ponte estaiada Newton Navarro e o mar.



Leonardo conta com o apoio da família para realizar o sonho

Novo espaço está quase pronto. A ideia é servir para eventos esportivos de diversas áreas, do futebol à dança

## Ação que precisa de mais ajuda

A mãe do estudante, Zelda Rocha, conta que ele sempre teve essa característica de ajudar as pessoas, algo influenciado também pela escola onde estuda, o Salesiano São José, que procurou o aluno para conhecer a iniciativa.

O espírito solidário tem deixado marcas. Quando começou a juntar o grupo, Leonardo teve conhecimento de que poucos deles tinham o documento de identidade. “Quando soube, ele resolveu providenciar o documento de todos eles. Ia de

ônibus resolver de um por um, com a documentação, até uma Central do Cidadão, e só descansou quando conseguiu todas”, conta a mãe.

Por muitas vezes Zelda temeu que tanta dedicação ao trabalho social atrapalhasse os estudos do filho. Mas, ele sempre prova exatamente o oposto. Estuda ainda mais para dar o exemplo e tem sempre excelentes notas. Com muita serenidade dispensou a viagem aos Estados Unidos e trocou os dólares que a família juntou para realizar o sonho da quadra.

“Tinha certeza da decisão. Sabia que era a coisa certa e não há nenhum arrependimento”, afirmou Leonardo.

Para ficar completo o espaço precisa ainda de refletores, grama e telas de proteção. As economias do estudante solidário já acabaram, mas eles acreditam que uma ajuda irá aparecer para que seja finalizado e cumpra o objetivo de incentivar o esporte e transformar realidades. Zelda Rocha estipula que com mais cinco mil reais seria possível concluir a obra.



## Garra

Os meninos querem levar o time a campeonatos. No momento, o grupo formado por jogadores que têm entre 7 e 19 anos participa de duas competições. Uma disputada entre clubes de bairros da zona norte de Natal e o Campeonato Estadual de Futsal. Para isso, continuam treinando na deficiente quadra pública da Redinha, até que a nova esteja pronta para recebê-los.



O técnico Alisson e Léo

## Sem drogas nem xingamentos

O time tem regras de boa conduta. Os jogadores não podem falar palavrão nem desrespeitar os colegas. Caso algo aconteça, há punições estabelecidas, mas de acordo com os garotos elas não têm sido usadas, pois todos estão se comportando bem. As atividades vão além

do campo. Os jovens participam de palestras para prevenir o uso de drogas ou contato com atividades ilícitas. Tudo fiscalizado pelo grupo e padrinhos, como o avô de Leonardo, Hélio Rocha.

A ideia é que outros grupos artísticos e esportivos existentes na

Redinha, como os de artes marciais e dança, utilizem a quadra, que terá manutenção feita pelos participantes. “Se tivéssemos essa oportunidade há cerca de seis anos não veria tantos colegas do bairro mortos ou envolvidos com o crime”, defende o treinador Alisson.

SISTEMA INTEGRADO

700  
Ônibus urbanos



O transporte coletivo urbano de Natal (ônibus e alternativos) já está aceitando todos os cartões de passagens NatalCard: Vale-Transporte, Estudante, Passe Fácil e Profissional.



72  
Opcionais



**SETURN**  
SINDICATO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES URBANOS DE PASSAGEIROS DO MUNICÍPIO DO NATAL

# MATUTO DAS LETRAS

Cordelista e pesquisador, José Saldanha dedicou uma vida inteira às rimas. Homem simples do sertão potiguar, deixou centenas de poesias inspiradas em sua vivência. Foi o poeta que mais escreveu cordéis sobre o assunto do cangaço. Relatou como repórter das rimas acontecimentos nas cidades

Por Marina Gadelha

“EU SOU UM DOS CORDELISTA do velho tempo passado! O meu cabelo era preto e hoje está esbranquiçado, em cada fio de cabelo tem um cordel pendurado!”, escreveu um Zé que poderia ter passado pelo mundo como qualquer outro. Mas esse era diferente, pois transformava em versos o que via e sentia e, assim, criou centenas de cordéis inspirados em sua vivência no sertão e na capital potiguar. O matuto das letras era José Saldanha Menezes Sobrinho, ou simplesmente Zé Saldanha, um dos poetas mais antigos do Rio Grande do Norte que ficou mais tempo em plena atividade.

A história desse Zé tem início no município de Santana dos Matos, sertão potiguar, onde nasceu em 23 de fevereiro de 1918. Foi em casa mesmo que sua mãe deu à luz, na Fazenda Piató, berço de inspiração dos primeiros versos de um menino apaixonado pelas rimas. Nessa terra ele foi criado aos cuidados dos pais Francisco Saldanha da Silva e Rita Regina de Macedo Saldanha, a qual incentivava o talento do pequeno José e guardava as suas poesias escritas ainda antes dos 13 anos de idade.

Em entrevista ao Jornal de Natal, no ano 2000, Zé Saldanha revelou que o talento nato aflorou após o contato com o cantador de viola e repentista José

Oiticica, natural de Cerro Corá. “Em 1926, eu tinha oito anos quando esse Oiticica começou a afinar as primeiras violas na casa do meu avô Manoel Saldanha. E ia todo mundo, porque era o divertimento que tinha. E eu ficava ali encostado, junto ao cantador, escutando aquilo, achando bonito”, recorda.

Aos 17 anos o jovem poeta lançou seu primeiro cordel, “O preço do algodão e o orgulho do povo”, impresso e custeado pelo próprio autor que, inclusive, foi um dos primeiros a produzir xilogravuras no Estado – técnica na qual o artesão utiliza madeira para entalhar um desenho em alto relevo e, após aplicar tinta, reproduz a gravura em outro suporte. Quando adulto, em 1943, José Saldanha casou-se com a professora Jovelina Dantas e ainda viveu por alguns anos na fazenda Piató, onde nasceram os três primeiros filhos, Rosáfico, Altamira e Teresinha.

Depois de alguns anos, o casal partiu para outras cidades e fixou residência nos municípios de Bodó, Cerro Corá e Currais Novos. A cada novo endereço, o número de descendentes crescia até chegar ao total de nove crianças. Depois das três primeiras vieram Francisco Neto, Rita, Reneide, Robson, Rosemberg e Renilda. Para

*“Seu moço cá da cidade  
Pwê favô tenha bondade  
De me prestá atenção:  
Eu venho duma fazenda.  
Dessa fazenda qui eu venho,  
Lá das bandas do sertão;  
Sertão das festas de queijo,  
Terra qui o sertanejo  
Satisfaz o seu desejo  
É brabo qui só o cão”.*

(Conheça Meu Sertão)

sustentar a numerosa família, o Zé trabalhador fez de tudo um pouco. Ele foi agricultor, minerador, fotógrafo, barbeiro, e ainda fabricou violas, chapéus, queijos, doces e sapatos, esses últimos da marca Menezes, criada por ele próprio.

Dentro das caixas de sapatos, o engenhoso poeta colocava a propaganda rimada com versos que diziam “para comprar calçados eu aviso aos meus fregueses, eu ando de pé descalço semanas, dias e meses. Fico até de pé rachado, porém, só compro calçados dentro da fábrica Menezes”. O marketing pessoal também era uma estratégia infalível do comerciante Saldanha, que fazia dos cordéis uma atração em seu ponto de venda nas feiras livres, onde os clientes ficavam mais um pouco para ouvi-lo declamar os versos de sua autoria.

## REPÓRTER DAS RIMAS

José Saldanha viveu em um sertão onde televisão só existia na capital, jornal era coisa de cidade mais desenvolvida e rádio era luxo para poucos. Nessa época, quem informava a população dos acontecimentos eram os cordelistas e cantadores, que por meio de versos levavam as notícias aos lugares mais distantes. Assim fazia o Zé repórter, que relatava em tempo real os eventos diários das cidades interioranas.

Um exemplo foi a maior tragédia da história de Currais Novos, no dia 13 de maio de 1974, quando um ônibus desgobernado matou 24 pessoas que participavam da procissão em homenagem a Nossa Senhora de Fátima. Após o acidente, Zé Saldanha rapidamente produziu o cordel “A verdadeira história do monstruoso acidente em Currais Novos” e vendeu mais de quatro mil exemplares. A partir desse episódio, o poeta passou a ser chamado de repórter das rimas. “Eu fui tido como repórter. Se carro virava ou acontecia qualquer coisa, o vaqueiro caía, uma vaquejada, pronto, já estava escrito”, disse ao Jornal de Natal.

Aos olhos de Zé Saldanha, tudo virava cordel. A be-

leza e a saudade do sertão, uma data comemorativa ou parábola da Bíblia. Histórias verídicas, estórias fictícias, viagens, novidades do mundo, entre outras inspirações. Ele mesmo cita em uma de suas poesias que “tem cordel do amor, tem cordel da amizade, tem o cordel do sorriso, cordel da tranquilidade, tem o cordel do idoso, tem o cordel da mocidade!”. Isso e muito mais. Até almanaque o sabido Zé fazia todos os anos, com previsões sobre o tempo, orientações e informações agrícolas, folclóricas e religiosas baseadas no senso comum.

Esse também foi o poeta que mais escreveu cordéis sobre o assunto do cangaço, entre os quais se destacam “A verdadeira história de Corisco e Dadá”, dividida em três volumes; “Porque Lampião foi Bandido: Sua história, Seu Tempo e seu Reinado”; “Lampião em Mossoró”, e vários outros. Zé Saldanha foi um dos sócios e fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC), para a qual deu contribuição significativa. Além disso, ele fundou em Currais Novos a Associação Estadual de Poetas Populares do RN (AEPP/RN) para apoiar e valorizar o trabalho dos artistas potiguares.



Zé Saldanha

*“Trago tudo retratado  
No arquivo da lembrança,  
Aquele tempo de cangaço  
Do protesto e da vingança,  
Quando o código da lei  
Era o rifle e a matança”.*

(Porque Lampião foi Bandido: Sua História, Seu Tempo e Seu Reinado)



## TRABALHO RECONHECIDO

O Zé matuto mudou-se para Natal em 1978, para ficar perto dos filhos, cuja grande parte morava na capital. Em sua residência no bairro de Candelária ele montou o “Recanto do Poeta”, um escritório onde escrevia seus cordéis, guardava seus livros, jornais, e tudo mais que achasse digno de preservar. Na lateral da casa ainda funcionava o bar “Recanto do Seridó”, que reunia poetas, violeiros e cordelistas. Lá aconteciam grandes cantorias de viola, lembradas com carinho pelos frequentadores do local.

O bancário aposentado José Lucas de Barros, hoje com 80 anos, conheceu Zé Saldanha ainda em Currais Novos e desde antes da mudança para Natal já participava dos encontros de cordelistas e violeiros. Ele também era assíduo na capital potiguar, onde presenciou a visita de cantadores famosos como Ivanildo Vilanova, Raimundo Caetano, Pedro Bandeira, Louro Branco, entre outros artistas nordestinos. “Era muito difícil haver um mês sem cantoria no Recanto do Seridó. Apreciadores da cultura popular, como eu, sempre estavam lá para prestigiar as cantorias e também o ilustre anfitrião”, conta.

O primeiro livro de Zé Saldanha foi lançado em 1990, inti-

tulado “Matuto no Carnaval”. A obra, que reunia algumas de suas centenas de poesias já produzidas até aquele período, foi o meio de divulgação do trabalho desse velho cordelista. “A partir do livro, o meu pai começou a ficar conhecido no Estado. Ele foi entrevistado por vários jornais, passou a ser procurado por pesquisadores e convidado a visitar escolas”, lembra a filha Reineide Saldanha.

*“Entra dia, sai dia e finda dia,  
Meu passatempo é fazer verso  
De tudo que tem no universo;  
Eu vou colhendo e traduzo em poesia:  
Meu prazer, meu eu, minha alegria!  
A poesia é um riso, uma festa, uma rebreia;  
Escrevendo o que tem nosso Planeta  
Traduzindo em verso veterano  
Entra ano, sai ano e finda ano,  
Me divertindo no bico da caneta!”.*

(Me Divertindo no Bico da Caneta)

Seu trabalho ganhou o Brasil no ano de 2001, com o lançamento da coleção “Projeto Biblioteca de Cordel”, da editora paulista Hedra. José Saldanha Menezes Sobrinho foi o único representante potiguar nesse material organizado pelo escritor Joseph Luyten, que em Natal contou com o apoio do pesquisador, folclorista e escritor Gutenberg Costa. Este escolheu prontamente Zé Saldanha para a coletânea e apurou

pessoalmente todas as informações.

A memória invejável do poeta e seu conhecimento privilegiado ainda auxiliaram Gutenberg na produção do “Dicionário de Poetas Cordelistas”, publicado em 2005. Além dos livros citados, Saldanha é mencionado “em inúmeras antologias de Literatura de Cordel, como também em dezenas de outras obras, sempre como importante referência da poesia popular potiguar”, ressalta

Gutenberg em seu dicionário. O artista ainda recebeu diversas homenagens, entre elas o título de cidadão natalense, concedido em 2009. Na ocasião, os vereadores da Câmara Municipal e até o prefeito Carlos Eduardo Alves foram à casa do cordelista para a solenidade especial.

Com o avanço da tecnologia, engana-se quem achava que o antenado Zé ficaria para trás. Ao contrário, a idade não foi empecilho para aprender a usar o computador quando já tinha 79 anos. Todos os dias, ele estava à frente da máquina para escrever novos versos. Assim o poeta fez até um mês antes de morrer, aos 93 anos de idade, por complicações de uma cirurgia no intestino. No dia nove de agosto de 2011, Zé Saldanha despediu-se da terra para levar poesia ao céu.

*"Matuto é matuto mesmo.  
O matuto de verdade!  
Que diabo quê matuto  
Se enfiando na cidade?  
Brincando intê carnava!  
Eu brinquei, mas me dei má,  
Num conto nem a metade!"*

(Matuto no Carnavá)



Entrega do título de Cidadão Natalense

## ADMIRADORES

O Zé amigo conquistava as pessoas por onde passava, principalmente em razão de sua simpatia e humildade. O próprio pesquisador Gutenberg Costa criou um laço forte com o poeta, em uma convivência quase paternal que deixou boas lembranças e grandes aprendizados. "A simplicidade e o desapego aos bens materiais foram as características que me chamaram atenção em Zé Saldanha. Para ele, amizade e poesia eram muito mais importantes que dinheiro", revela o admirador.

De acordo com Gutenberg, o cordelista era um autêntico sertanejo, tanto no modo de viver como de falar com uma linguagem arcaica, típica do interior potiguar no início do século XIX. "José Saldanha não vivia um personagem, ele era verdadeiramente matuto", enfatiza. O pesquisador acredita que o legado deixado pelo poeta ainda precisa ser estudado mais

profundamente e pode ser tema de trabalhos de conclusão de curso, documentários, encenações de teatro, entre outras expressões artísticas e acadêmicas.

Rodrigo Bico, atual presidente da Fundação José Augusto, também guarda memórias do famoso Zé, cuja poesia "Matuto no Carnavá" foi encenada pelo jovem artista em mais de uma ocasião. A primeira vez foi em um sarau no ano de 2007. A partir daí, Rodrigo debruçou-se nas rimas do cordelista. Ele passou a recitar os versos em outros eventos e sempre fazia sucesso, mas para o ator não houve momento mais marcante que se apresentar no aniversário de 90 anos de José Saldanha, em 2008.

Nessa oportunidade, Rodrigo conheceu toda a família Saldanha e passou a ser chamado para representar a poesia em outras homenagens. Uma delas foi inesquecível para ele e aconteceu

depois da morte do poeta. "Eu estava sentado no auditório, lá atrás. De repente, levantei-me e comecei a declamar o Matuto no Carnavá pela primeira vez após o falecimento de Zé Saldanha. Fiquei emocionado ao me lembrar dele e da sua voz dizendo que eu era a melhor pessoa a recitar seus versos. Porém, mesmo triste por dentro, fiz as pessoas sorrirem com a divertida história", compartilha.

O mais jovem presidente da Fundação José Augusto considera que a obra deixada por todo artista o eterniza no mundo, e assim acontece com Zé Saldanha. "Ele era poeta, estudioso do cangaço, e ainda tinha muitos desafios de viola transcritos. Essa herança cultural fala de um povo, uma identidade e uma época do povo potiguar, com suas características e arquétipos que ficam registrados por meio do trabalho desse importante cordelista", finaliza.



*"Chora comigo, querido violão!  
Para escutar-nos, alguém abre a janela,  
Há zero hora, dedico-te esta canção,  
Tornei-me logo um apaixonado dela".*

(Companheiro da Saudade)

## MEMÓRIAS

A casa na Rua Irineu Joffili, em Candelária, continua do mesmo jeito que Zé Saldanha deixou. O Recanto do Poeta não tem mais seu personagem principal, mas o computador que ele usava ainda permanece no mesmo lugar. Assim como os recortes de jornal, os quadros na parede com as diversas homenagens recebidas, a estante de livros e as violas que antigamente faziam a diversão de amigos e familiares. O escritório abriga até um tijolo da casa onde o saudoso Zé nasceu, há 97 anos.

O local intocado é mantido pelos filhos do artista, os quais fazem questão de preservar a herança do pai que não deixou ouro, imóveis ou dinheiro. Deixou poesia. Mais que isso, deixou educação e lições de uma vida humilde que serve de exemplo para seus descendentes. Terezinha Saldanha, a primeira filha mulher do poeta,

afirma que seus pais eram diferentes dos demais. "Para o meu pai tudo era colorido e tinha mais amor. Já minha mãe era a fortaleza dele e entendia todo o desapego pelos bens materiais. Ele não acumulou riqueza, e sim amigos que ainda hoje perpetuam as suas poesias", orgulha-se.

Das memórias da infância ela resgata bons momentos e aprendizados a partir da vivência com o pai, uma pessoa divertida que brincava muito com os filhos, mas ao mesmo tempo era rígido para transmitir princípios importantes como o da honestidade. "Ele dizia que não deveríamos pegar um palito sequer se não fosse nosso, e ainda fiscalizava nossos materiais quando chegávamos da escola", lembra. O dedicado Zé também acompanhava de perto o aprendizado dos pequenos e ensinou-os as primeiras letras à beira do rio, escrevendo com um galho na areia.

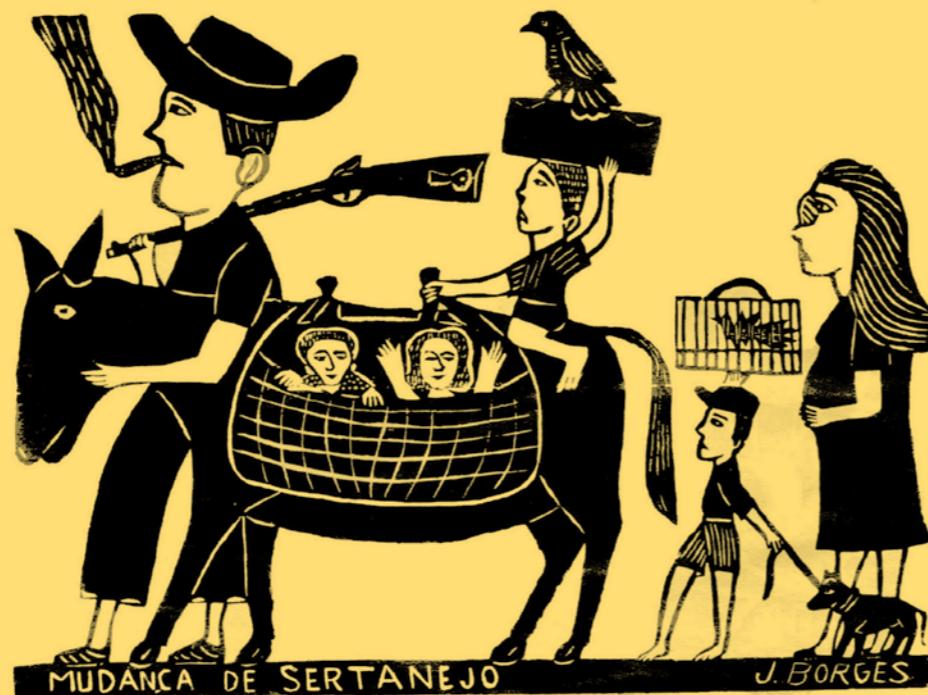
Foi pela educação das crianças, inclusive, que a família se mudou de uma cidade para outra no interior do Estado a fim de encontrar escolas que atendessem a todas. O esforço valeu a pena, pois suas “crias” terminaram os estudos e a maioria formou-se na faculdade. O valor do trabalho também foi ensinado desde cedo, adiciona a filha Reneide Saldanha, ao citar que a família parecia uma colmeia de abelhas em que cada membro tinha uma atribuição. “Em vez de simplesmente dar o dinheiro, ele nos incentivava a trabalhar. Com isso, fomos preparados espiritualmente, financeiramente e emocionalmente para a vida”, ressalta.

No casamento, o apaixonado Zé viveu uma bela história de amor com Jovelina, mais conhecida como “dona Jove”, sua companheira por 52 anos. Os dois eram cúmplices e eternos namorados, com direito a dormir abraçados, andar de mãos dadas e trocar elogios mesmo depois de meio século juntos. Quando ela faleceu, em 1995, o viúvo Saldanha perdeu o chão e quase partia também, mas reergueu-se e tornou-se um novo homem.

“Minha mãe era o braço forte para as necessidades e dificuldades que viessem pela frente. Ela fazia tudo para ele e estava sempre por perto. Depois da sua partida, meu pai desenvolveu uma autonomia maior e passou a fazer tudo para o presente, como se o futuro não pudesse chegar”, cita a caçula Renilda Saldanha.



José Saldanha com esposa Jovelina e filhos Rosemberg, Robson e Rosáfico



*“Peço a quem for poeta  
Trovador e cordelista  
Cantador e repentista  
Da poesia diletta  
Vamos com força de atleta  
Batalhar para fazer  
Nossa cultura crescer  
Peço com força e destino  
Não deixe o cordel morrer!”.*  
(Não Deixe o Cordel Morrer)

## HOMENAGENS PÓSTUMAS

O poeta se foi. Contudo, sua memória é preservada pelos sete filhos vivos, 25 netos e 14 bisnetos, além dos incontáveis amigos conquistados. Muitos destes escreveram poesias em homenagem ao querido Zé depois da sua morte, como Marciano Medeiros, Sírlia Sousa de Lima, Marcos Medeiros, Abaeté do Cordel e Chico Gabriel. Até a Rua Piató, que faz esquina com sua casa em Candelária, mantém viva a história do artista ao relembrar o local de seu nascimento. Foi o próprio Saldanha quem batizou o logradouro e assim ficou oficializado.

A área verde situada em frente à sua casa, por trás do Natal Shopping, ganhou em 2013 o nome de “Praça Poeta José



O poeta recitando seus versos

Saldanha Menezes Sobrinho”, para deixar marcado o nome do inesquecível Zé. A poucos metros dali, será organizado um memorial com o legado deixado pelo matuto Saldanha. A família ainda não sabe quando vai inau-

gurar o espaço, mas já cuida de organizar e catalogar o trabalho do patriarca para dividi-lo com os potiguares.

Ao serem perguntados sobre quantos cordéis o talentoso Zé deixou, os filhos dizem não ter o número exato, mas informam que chegam à casa das centenas. Imensurável também é a contribuição desse matuto das letras para a cultura popular, com raízes fortes, rimas ricas e vivências compartilhadas por meio da poesia. José Saldanha sabia que era único, tanto que escreveu as seguintes palavras: “Quando vagar a notícia que Zé Saldanha morreu, alguém diz até chorando que o Rio Grande perdeu um Zé que nunca mais vem outro Zé como eu”.



# É MENINO OU MENINA?

Bebês podem nascer com genitália ambígua e não caracterizar se o sexo é feminino ou masculino. É o Distúrbio da Diferenciação Sexual. A definição pode ser diagnosticada por meio de exames, mas no RN a única unidade pública destinada à realização do procedimento paralisou o atendimento há mais de dois anos e pais vivem a angústia da incerteza sobre o sexo dos filhos

Por Juliana Manzano  
Fotos: Sueli Nomizo



“DOUTOR, É MENINO OU menina?”. Pergunta comum durante uma ultrassonografia de acompanhamento pré-natal vira tormento quando pronunciada por pais e mães de crianças que nascem com o Distúrbio da Diferenciação Sexual (DDS), cujos casos também já foram denominados por intersexos ou pseudo-hermafroditas, expressões que não devem ser mais utilizadas.

Tal distúrbio é resultante de um grupo variado de condições genéticas e hormonais que altera o desenvolvimento de órgãos e características sexuais. Dessa maneira, a determinação do sexo – masculino ou feminino – acaba sendo dificultada. Durante as primeiras semanas de desenvolvimento do feto, o tecido que se transformará em gônada (designação genérica das glândulas sexuais) não está definido. Isso acontece a partir de informações genéticas e hormonais que podem transformá-las em ovários ou testículos.

Com apenas 17 anos, A.K. deu a luz a K.V., em março de 2014, no Hospital Dr. José Pedro Bezerra, hospital público conhecido como Santa Catarina, zona norte de Natal, capital do Rio Grande do Norte. A jovem mãe não tinha conhecimento sobre tal distúrbio, muito menos que um caso deste aconteceria tão próximo a ela. E com o próprio rebento. Mas, fez-se realidade.



Dr. João Neri, médico geneticista

A.K. conta que além de sua barriga ter sido muito pequena, teve gravidez complicada com duas fortes hemorragias e sofreu pré-eclâmpsia. Mas estava tudo bem com o feto até o momento. Curiosamente, a detecção do distúrbio não foi feita logo após o nascimento. Somente três dias depois, quando a avó materna fazia a troca de fralda e percebeu que havia algo estranho na genitália. Imediatamente a família procurou a equipe médica. “Nós ficamos internadas no hospital por 12 dias e tivemos o apoio de Dr. João [Neri, médico geneticista] que nos explicou a situação. Ficamos no hospital esperando o resultado de alguns exames e também não

podíamos registrar”, lembra A.K..

O especialista explicou, segundo a mãe, que a possibilidade maior era de que a criança fosse realmente menina como todos imaginavam. Porém, o registro civil ficava a critério dos pais, uma vez que se fosse descoberto que esta era do sexo masculino, a burocracia para alteração causaria mais transtornos.

No Rio Grande do Norte, apenas uma unidade pública, localizada na capital, realiza o exame do cariótipo, um dos principais para a detecção do sexo da criança. É o Laboratório de Genética Humana do Centro de Reabilitação Infantil (CRI), que, para desespero maior dos pais

que enfrentam tal dúvida sobre o sexo dos filhos, o exame não vem sendo realizado há dois anos. Com dificuldades para fazê-lo, os pais começaram uma peregrinação em busca de recursos e realizar o exame em laboratório privado. Quando o valor foi, finalmente, conquistado, outro 'baque' adiou novamente o desfecho da história: a casa da sogra de A.K. foi assaltada e o dinheiro levado pelos bandidos.

A família decidiu, então, juntar todos os laudos e documentos que possuía e procurou a Secretaria Municipal de Saúde. Após a burocracia comum aos órgãos públicos, o procedimento foi realizado. Outros cinco exames também foram feitos. Todo este trâmite desde o nascimento da criança até o resultado durou dez meses. Apesar da demora, os pais finalmente se tranquilizaram com a certeza de que K.V. era realmente uma menina!

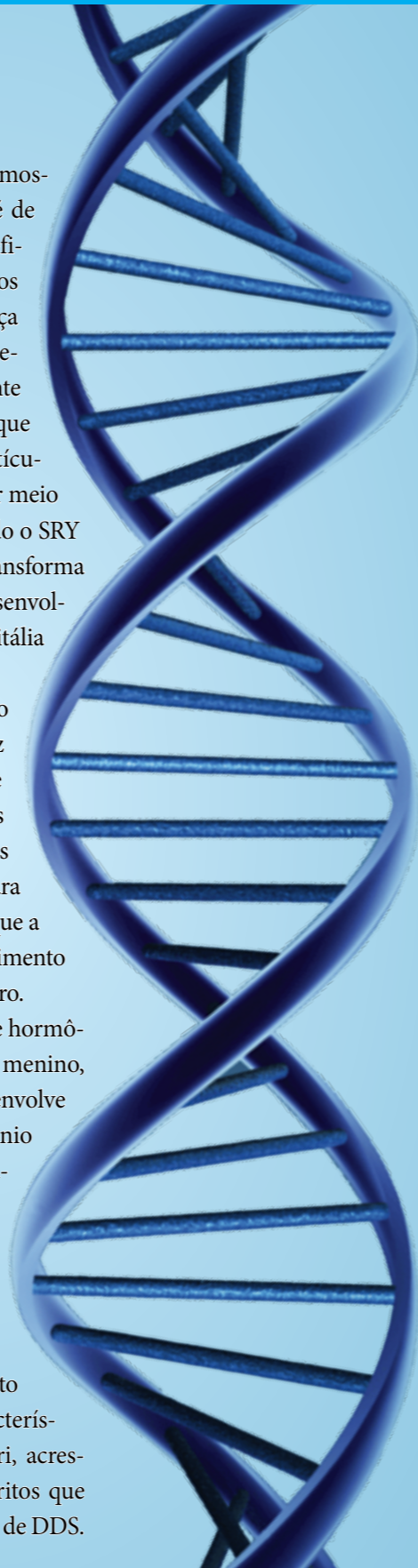
A mãe, ainda adolescente, conta que se sentiu 'bombardeada' com toda aquela situação. "Era muita informação nova para mim, muita coisa que nunca pensei viver. Em todas as ultrassonografias que fiz os médicos sempre disseram que era menina. Então, tudo que nós tínhamos era de menina. Mas a nossa preocupação maior não era essa, era a discriminação que ela podia sofrer, os comentários das pessoas, o que poderiam falar. A preocupação não era por nós, era por ela", explica a mãe.

## Explicação

Os humanos possuem 23 pares de cromossomos, o que totalizam 46. Destes, um par é de cromossomos sexuais. O sexo feminino é definido por dois cromossomos sexuais X, escritos 46XX, e o masculino é definido pela presença de um cromossomo sexual Y, com definição genética 46XY. A presença do gene SRY, presente no cromossomo Y 'doado' pelo pai, fará com que a gônada indiferenciada se transforme em testículo e o feto se desenvolva como masculino, por meio da formação do pênis e dos testículos. Quando o SRY está ausente, a gônada indiferenciada se transforma em ovário, as estruturas genitais internas desenvolvem o útero e as trompas de Falópio, e a genitália externa não sofre masculinização.

No entanto, o hormônio entra como um intermediário desse processo, uma vez que o gene pode até mandar a informação de que deverão ser formados, por exemplo, pênis e testículos, mas se não existirem hormônios que estimulem este desenvolvimento, ele para no caminho. Desta forma, o gene determina que a criança vire menino ou estimula o desenvolvimento como menina. O hormônio facilita um ou outro.

"É preciso haver equilíbrio entre gene e hormônio. Se a criança tiver determinação para ser menino, mas não tiver hormônio, o genital não se desenvolve completamente. Já se tiver excesso de hormônio masculino, o desenvolvimento vai ser atrapalhado e pode vir a ter um genital pouco feminino ou até muito masculino. Isso é um defeito genético que pode fazer com que a criança que ia ser menino não consiga desenvolver como um. Então, o genital fica ambíguo, o que significa dizer que pode ter aspecto feminino ou masculino, mas não muito característicos", explica o médico geneticista João Neri, acrescentando que existem quase 600 genes descritos que podem interferir no processo e se tornar casos de DDS.



## Como identificar?

A detecção tem que partir do pediatra no instante em que a criança nasce. Para saber se um genital é masculino ele precisa ter o pênis todo formado e os dois testículos no interior da bolsa escrotal. Se isso não acontece, o genital é ambíguo. Entretanto, o tipo de defeito varia da constituição genética de cada um.

Nos meninos, um dos exemplos é quando não têm os testículos na bolsa escrotal ou têm um pênis que não se formou normalmente porque a uretra não se desenvolveu. Nas meninas, acontece quando o clitóris é maior do que o normal e os pequenos lábios não se abriram,

não se sabendo se é uma menina em que o clitóris cresceu muito ou um menino em que o pênis não se desenvolveu normalmente.

Existem condições em que o menino não responde ao hormônio testosterona: a glândula sexual vira testículo e começa a produzir testosterona, só que ele não tem receptor para esse hormônio. Então, o genital fica externamente com aspecto feminino, pode até desenvolver mamas, mas não tem útero nem ovários. Tem dois testículos internos, dentro da barriga.

Quando já existe um caso de DDS no filho de um casal, as chances de o próximo filho tam-

bém ter o distúrbio são de 25%. Nessas situações, é possível começar a investigação desde a ultrassonografia pré-natal. E mesmo que a criança nasça com aspecto normal deve ser investigada também para que não haja surpresa indesejada depois.

Apesar de os números oficiais não estarem atualizados, supõe-se que a frequência do DDS é de 1 para 1 mil ou 1 para 10 mil recém-nascidos, a depender da região. A quantidade de casos varia de acordo com a localidade por conta da genética, já que condições recessivas aumentam em regiões onde há grande consanguinidade.

## Riscos

Além do transtorno sexual e psicológico que tal distúrbio pode causar ao indivíduo no futuro, a importância da descoberta do DDS ainda na maternidade se torna maior, pois pode se transformar em uma urgência médica e causar a morte. Isso porque a condição hormonal geralmente está associada a um defeito da glândula suprarrenal, que produz dois grupos de hormônios importantes: os mineralocorticóides (aldosterona) e os glicocorticóides (cortisona). O primeiro retém sal do corpo humano e o segundo promove o trofismo.

Quando o organismo tem

um defeito na suprarrenal fica tentando estimular a produção desses hormônios e acaba desviando a indução de testosterona. Por isso, a menina com essa condição pode

ter um genital de aspecto masculinizado e, se o pediatra não estiver atento na hora do nascimento para começar a tratar, ela pode morrer por perda de sal.

## O que fazer?

Após a identificação do caso, o pediatra deve chamar os pais para explicar a situação informando que o recém-nascido possui genitália ambígua e que será preciso iniciar uma investigação para definir se o bebê é menino ou menina. Este processo pode durar até mais de 30 dias e o indicado é que durante este período a criança não seja registrada.

Diante da complexidade que envolve toda a situação, uma equipe multidisciplinar é indicada para acompanhar a família. Geneticista, endocrinologista e psicólogo serão, dentro de suas competências, os responsáveis pela definição do diagnóstico. O psicólogo trabalha ainda, juntamente com a assistente social, no apoio familiar e com a questão do registro da criança. Após o diagnóstico é a vez de o cirurgião infantil ser acionado para realizar o procedimento que visa reconstruir a genitália ou remover as gônadas incompatíveis. “Muitos profissionais precisam estar envolvidos para que a criança não seja liberada e aconteçam problemas futuros”, pontua o médico João Neri.

O geneticista lembra um caso que ocorreu com ele há cerca de três anos na capital potiguar. “Liberaram uma criança dizendo que era menino, os pais levaram para casa, registraram e de-

pois mandaram pra mim. Eu disse que a possibilidade maior era de que fosse uma menina com excesso de hormônio e disse que começaríamos a investigar. Mas a mãe sumiu com essa criança. Um dia, o bebê passou mal, vomitou muito e foi para um pronto-socorro. Quando chegou lá perceberam a genitália ambígua e confirmaram o mesmo que eu havia dito. O médico passou uma medicação e reafirmou que provavelmente era uma menina. A mãe mais uma vez não aceitou, apenas deu o remédio e tentou levar a situação. Porém, a criança não queria se desenvolver. A mãe me contou, chorando, que até os dois anos ela não queria andar, falar, nem comer, principalmente quando a tratavam como menino. Ela já entendia e ficava chateada”, recorda.

A avó materna, segundo conta o médico, foi quem fez a filha mudar de ideia. “Ela percebeu que a criança não aceitava ser tratada como menino e disse à filha que ela estava matando a neta porque ela era e queria ser uma menina, aí a mãe me contou que saiu chorando, foi ao Alecrim (bairro de Natal) comprar um vestido e colocou na criança. No dia seguinte ela já queria andar, falar e comer. Foi quando se deu conta do que estava fazendo”, completa o médico.



Sandra Magrácio Paladino, psicóloga e sexóloga

## O diagnóstico

Após identificar a genitália ambígua, a investigação começa por meio de uma avaliação completa da criança e vários exames. O primeiro e um dos mais importantes é o cariótipo com bandamento GTG, que faz uma análise cromossômica para definir o sexo genético. O procedimento procura nas células do sangue os cromossomos sexuais de acordo com quantidade e estrutura. “Podemos ter DDS com variação da quantidade dos cromossomos sexuais, por alteração nos genes de determinação e diferenciação sexual e nos genes de produção e recepção hormonal”, explica o geneticista.

Também são feitas dosagem hormonal e avaliação gênica, sendo esta última a mais demorada, já que é feita fora do Estado. Geralmente são ne-

cessários os três exames para fechar o diagnóstico, além do laudo psicológico para que se chegue a um denominador comum. “A discussão é importante porque às vezes pegamos uma criança que quer ser menina, mas os pais forçam a ser menino, o que a torna frustrada no futuro. Ela mesma não se aceita porque quer ser menina, mas a arrancaram o útero, os ovários e colocaram um pênis. Ou seja, ela foi mutilada e transformada em menino contra sua vontade”, enfatiza João Neri. Na Alemanha, por exemplo, a criança de até dois anos pode ser registrada como de sexo indeterminado porque ela prossegue com a vida civil normal até que o sexo seja definido.

A psicóloga e sexóloga Sandra Magrácio Paladino ex-

“

A discussão é importante porque às vezes pegamos uma criança que quer ser menina, mas os pais forçam a ser menino, o que a torna frustrada no futuro. Ela mesma não se aceita porque quer ser menina, mas a arrancaram o útero, os ovários e colocaram um pênis”.

plica que quando não se nasce com a sexualidade física definida, como é o caso dos pacientes com DDS, é preciso descobrir o paciente em questão emocionalmente. E como saber? O profissional vai ter que atender e entender. Essa construção de diagnóstico pode levar muito tempo. “Quando o profissional é treinado, sabe levar seu olhar para as escolhas da criança. Mas, ao mesmo tempo, também tem que se observar a família porque às vezes eles direcionam de acordo com suas preferências. Se a mãe quer que seja menina, só dá boneca. Se é menino, carrinho. E esse é um erro cultural que já começa na barriga. Está errado porque os dois são brinquedos. Não é brinquedo de homem e brinquedo de mulher. Tudo que é lúdico é brinquedo”, esclarece.



Centro de Reabilitação Infantil abriga Laboratório de Genética Humana que não funciona há dois anos

As escolhas da criança, segundo a especialista, têm que acontecer livremente. “A família precisa ter isenção e tratar a criança como criança, deixando à vontade os objetos com que ela queira brincar. Não deve procurar dar vestido porque é só de menina. Então dá um shortinho porque menino e menina usam. A ideia é deixar se desenvolver naturalmente. É um trabalho muito complexo porque são vários pacientes, já que a família está muito embutida nesse processo. É muito mais do que técnico, é de observação e

de interação. Não adianta colocar a criança sozinha no consultório. Posso até pôr sozinha, mas também coloco a mãe. Vou conversando com a mãe e observando a criança. Isso tudo porque a sexualidade se desenvolve e se firma de acordo com o ambiente. No caso da DDS, especificamente, o ambiente pode intervir, mas a gente não pode deixar que determine porque vai ser feita uma cirurgia. Imagine ser emocionalmente homem e após a cirurgia feita ser mulher? Vai enlouquecer”, orienta Sandra Paladino.



Laboratório sem funcionar após reforma



Marlene Soares, diretora geral do CRI



Elias Guilherme, bioquímico e chefe de laboratório do CRI

## Exame deixou de ser feito há mais de dois anos

Em funcionamento há 27 anos, o Laboratório de Genética Humana do Centro de Reabilitação Infantil (CRI) é o único do Estado mantido pelo poder público que trabalha com o diagnóstico de doenças genéticas e nas áreas de citogenética e genética bioquímica. Na primeira são feitos os diagnósticos de doenças cromossômicas para detectar alterações estruturais ou numéricas. Já na área de genética bioquímica é feita a triagem para erros no metabolismo e na detecção de doenças genéticas de caráter metabólico.

O exame básico para detecção dessa doença é o de cariótipo com bandamento GTG, realizado pela citogenética para diagnóstico de doenças cromossômicas, entre elas a DDS. E o procedimento precisa, além do meio de cultura, de outros reagentes para chegar à análise final. Todavia, esse exame deixou de ser feito há mais de dois anos, quando a reforma

do laboratório foi iniciada. “O laboratório do CRI existe desde 1988 e ao longo desses anos nós não tínhamos um espaço bem estruturado como o de genética deve ser. Então, iniciamos uma reforma há mais de dois anos com o objetivo de atender ao paciente e seguir as normas exigidas pela Coordenadoria de Vigilância Sanitária. No entanto, a reforma que deveria durar dois meses se estendeu por dois anos. Agora, o problema é que estão faltando esses reagentes e os exames não podem ser realizados”, informa o bioquímico responsável, Elias Guilherme Lino.

O bioquímico explica que a análise de cariótipo é um exame muito mecânico porque o profissional tem que ler as lâminas e analisar tanto em termos numéricos quanto estruturais. Se na análise não houver alterações visíveis na microscopia comum, o resultado sai em, no mínimo, dois dias.

Em caso positivo, o prazo é ampliado para 10 dias.

Por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) apenas o CRI era responsável por este exame que custa, em média, R\$ 450 na rede privada. Em Natal, apenas um laboratório privado faz o exame. Os demais enviam para empresas de fora do RN.

De acordo com a diretora geral do CRI, Marilene Soares, o problema estrutural do laboratório já foi resolvido e agora falta o material. “O processo licitatório foi concluído e estamos aguardando a chegada da encomenda. O laboratório responsável pelo fornecimento do material passou por algumas dificuldades, mas já foram superadas e acredito que até o final deste mês de março já devem ter chegado e os exames voltarão a ser feitos”, afirma. É aguardar e acreditar que o grave problema seja, enfim, resolvido. Informaremos na próxima edição.

Na época em que a hoje elegante Avenida Getúlio Vargas era desprezada pelos abastados de Natal para morar, por considerar distante da urbanização, a família Pedroza Magalhães viveu tempos áureos, recebeu governadores, estrelas da MPB, militares de alta patente e abrigou o cartunista Henfil durante a ditadura. Com a transformação da cidade, a intranquilidade fez a família ceder à pressão da especulação imobiliária

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo da família

# O CASARÃO



Graco Magalhães com os herdeiros Antônio Carlos, Paulo, Branca, Márcio e Carla

**NOS PRIMEIROS ANOS DO SÉCULO XX**, as residências das famílias tradicionais da pequena aldeia chamada Natal se concentravam nos bairros da Ribeira e Cidade Alta. É época em que a capital potiguar começou a se desenvolver, com o surgimento de um novo bairro, a partir do plano elaborado pelo agrimensor italiano Antonio Polidreli, em 1901, que transformou a área que concentrava sítios em Cidade Nova, dividida depois nos nobres bairros de Tirol e Petrópolis.

Em 1929, o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo foi convidado pelo então prefeito Omar O'Grady para criar o Plano Geral de Systematização da Cidade, permitido pela instituição da Lei nº 4, que “dispõe sobre construções, reconstruções, acréscimos e modificações de prédios”. Foi o primeiro instrumento legal a fazer o zoneamento da cidade, segundo o livro “Genealogia e História”, do historiador Ormuz Simonetti.

Antes, em 1925, o importante comerciante e importador de tecidos João Galvão construiu uma grande residência para morar com a família, de 600m<sup>2</sup>, estilo europeu, em um terreno de 1.500m<sup>2</sup> na então Avenida Atlântica, chamada hoje de Getúlio Vargas. Na avenida já estava fincada a chácara do industrial Fernando Pedroza, que fazia esquina com a Avenida Nilo Peçanha,

onde hoje está em construção o imponente edifício Issa Hazbun. No mesmo quadrilátero estava a casa de veraneio do também industrial Juvino Barreto, que atualmente sedia o Hospital Universitário Onofre Lopes (HUOL). Então, nesse perímetro apenas duas moradias eram fixas - dos Galvão e dos Pedroza. Outras abastadas famílias achavam aquilo muito distante e torciam o nariz.

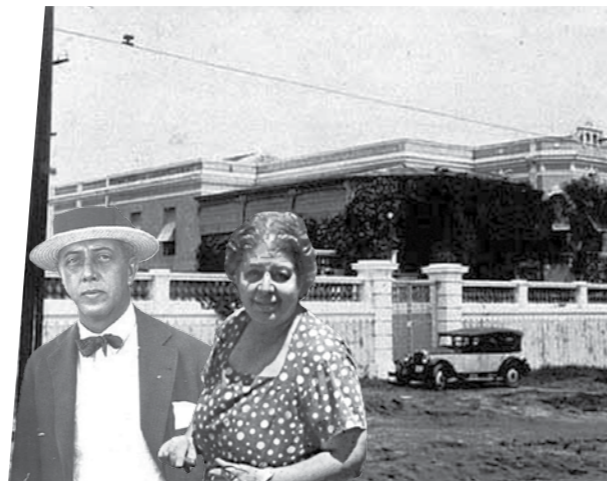
Com o passar dos anos, João Galvão construiu ao lado da sua residência uma casa para o filho Olavo, que se casou com Eunice Coelho. O novo lar do jovem ficava na esquina da Rua Joaquim Fabrício, onde hoje é o Edifício Petrópolis. O tempo passa e o comerciante fica viúvo. Dois anos depois conheceu uma nova companheira e decidiu mudar de endereço, mas no mesmo perímetro, olhando para o mar. Construiu uma bela casa em estilo normando (mescla de referências da arquitetura vernacular e medieval europeia). Era o famoso chalé suíço, hoje o edifício Varandas do Atlântico. Não chegou a morar, pois morreu dias próximos para o casório. A residência foi ocupada pela filha Iolanda e o marido Álvaro Vieira.

Década de 40, a Segunda Guerra Mundial tomava conta da Europa. Natal foi escolhida como ponto estratégico para servir de base de apoio para os americanos. Em 1945, chega à cida-

de o piloto mineiro Graco Magalhães, para ser instrutor do B-25 (bombardeiro) na Base Aérea de Parnamirim. Certo dia, jogando futebol na praia de Areia Preta - com os colegas oficiais da FAB Vercilo, Teixeira Rocha, Bretanha, Campolino, Evaldo Maia e Durval Pacheco -, conhece Sylvio Piza Pedroza, então prefeito de Natal, que tinha no seu time os amigos Alvarado Furtado, Humberto Nesi, Rossini Azevedo e Marito Lira. A partir daí começou uma amizade.

Não demorou muito e o prefeito convida Graco para uma recepção em sua casa. Momento em que apresentou sua irmã Elza ao piloto boa pinta. Foi amor à primeira vista e no

dia 14 de abril de 1948 se tornaram marido e mulher. Entre os padrinhos do casamento, o médico Januário Cicco e o capitão de fragata Manoel Augusto Pereira de Vasconcelos. Década de 50, a emergente sociedade potiguar ia surgindo dia após dia, mas a Avenida Atlântica ainda continuava povoada por poucas famílias. Num certo dia, os herdeiros do comerciante João Galvão ofereceram as três casas construídas pelo pai aos Pedroza Magalhães. Elza escolheu a de número 750, por ser maior em área construída. O casal passa a residir pagando aluguel. Em 1955, a compra é efetivada pela família, com financiamento da Caixa Econômica Federal.



O industrial Fernando Pedroza e a esposa Branca, os primeiros moradores da Av. Getúlio Vargas

## Novos domínios

Elza Pedroza e Graco Magalhães passaram a ser os novos donos do segundo imóvel da Avenida Atlântica. E lá nasceram e cresceram os cinco filhos do casal, Márcio, Paulo, Nelson (falecido em 22 de maio de 1982, em um acidente de moto), Antônio Carlos e Branca Pedroza Magalhães.

Com a morte do marido Fernando Pedroza, a matriarca Branca Toledo Piza Pedroza foi morar com a família a pedido do genro Graco. Paulista de família quatrocentona, Branca Toledo conheceu o marido potiguar na Suíça, onde estudava com suas irmãs. Ele, que estava em viagem de visita, foi apresentado à bela jovem.

Na grande casa do filho em Natal, os pais de Graco, Antônio e Magnólia Magalhães Alves, passavam férias.



Piloto Graco Magalhães e a esposa Elza



O casal com os primeiros herdeiros, Márcio e Paulo

Os irmãos Carlos, Jairo, Antônio Carlos, Maria Clara, Cláudio e Fausta Magalhães moravam em São Lourenço, Minas Gerais.

Da varanda da casa se avistava o bonde elétrico passar, que ia até a Rua Dionísio Filgueira. Com o tempo veio a duplicação da avenida, rebatizada com o nome do ex-presidente Getúlio Vargas.

Natal começava a transformar-se, novas ruas e avenidas eram abertas. A Av. Getúlio Vargas recebia novos moradores, entre eles o casal Paulo Eduardo Ferreira de Souza Firmo e Franca Giordanetti, que foi morar em uma grande casa de ares modernos para a época, construída pelo pai de Franca, o italiano Giordanetti, homem riquíssimo, dono de moinhos. Imóvel que hoje pertence à Aeronáutica, residência oficial do Brigadeiro. Mais adiante se encontrava o chalé suíço (atual Varandas do Atlântico), comprado depois pelo empresário Wandick Lopes aos herdeiros de João Galvão.

A casa movimentada da família silenciou no dia 16 de fevereiro de 1964, com a morte de Dona Elza Pedroza, aos 44 anos, devido a um câncer de mama. Quatro anos depois Graco se casou novamente. Da união com Maria José Carvalho nasceu Karla, sua filha caçula.

## De governadores a estrelas da MPB

Graco Magalhães era o piloto oficial do estado. Desfrutou da intimidade de vários governadores, recebendo todos em sua residência. Mon-senhor Walfredo Gurgel adorava ficar na varanda da casa fumando e olhando para o mar. Aluizio Alves e a primeira-dama Ivone Lyra frequentavam os almoços e jantares da residência dos Pedroza Magalhães. E assim a política potiguar ia passando pelos salões e alpendres da casa de nº 750 da Avenida Getúlio Vargas.

As maiores patentes militares foram recebidas pela família, que tinha a arte de bem receber. Graco tornou-se um embaixador das Forças Armadas em Natal. Recebeu os pilotos do 1º Grupo de Caça do Brasil que combateu a Itália na Segunda Guerra Mundial, o Senta a Pua, maior clássico da aviação militar brasileira. Em visita a Natal, o grupo foi recebido em almoço.

Graco, apesar de militar, não compactuava com todas as ideias do regime. No final da ditadura, começo dos anos 80, conheceu o cartunista Henfil, em São Loureço (MG), que sofria perseguição dos militares. Convidou, então, o artista para voltar com ele e morar em sua casa na ca-

pital potiguar. Convite aceito, o cartunista e sua mulher Berenice passaram oito meses em Natal.

A turma jovem da cidade marcava ponto no casarão da família. Os amigos dos filhos do casal Pedroza Magalhães se reuniam em festas e banhos de piscinas no jardim coberto de mangueiras.

A cantora baiana Gal Costa foi outra visita ilustre. A artista veio fazer um show na cidade e no outro dia, a convite de uma amiga, foi levada para almoçar no casarão. Ao chegar, encantou-se com o jardim e as mangueiras. Logo pediu uma rede para se deitar entre as árvores. A notícia de que Gal Costa estava hospedada na casa dos Pedroza Magalhães se espalhou pela rua. Um dos primeiros a chegar foi o advogado Mozart Romano, amigo da família, que mandou chamar o filho Cássio. Após exaltar os talentos artísticos do filho para a estrela do movimento Tropicália, o pai pediu a Cássio (que dirige a Casa do Brasil em Madri, desde a década de 1990) para tocar violão, que assim fez, apesar de muito a contragosto. Até hoje as famílias dão boas risadas ao lembrar essa histórica passagem.

## A galinha dos ovos de ouro

No final da década de 70, início dos agitados anos 80, a cidade começa a se verticalizar. A Avenida Getúlio Vargas passa a ser a galinha dos ovos de ouro das construtoras. Os grandes terrenos sofreram especulações e as belas casas desmornadas para dar vez a espigões. O piloto Graco recebeu inúmeras propostas, mas não dava a menor atenção.

Outro grande incômodo para a família foi a chegada do Bar Liberté, que quebrou a tranquilidade do local nos anos 70. Ficava do lado da casa dos Pedroza Magalhães, separado apenas por um muro. Iniciou-se uma série de discussões entre a família, o dono do bar, Ângelo Varela, e frequentadores que estacionavam os carros na frente da garagem da residência. Foram dois anos de muita perturbação até o bar fechar as portas.

Graco começa a rever seus conceitos, pois os apelos e propostas pelo terreno eram muitos. Decidiu que só sairia da casa se fossem fechados em qualquer negociação cinco bons apartamentos. Algumas construtoras não aceitaram, mas o construtor Flávio Azevedo topou o negócio.

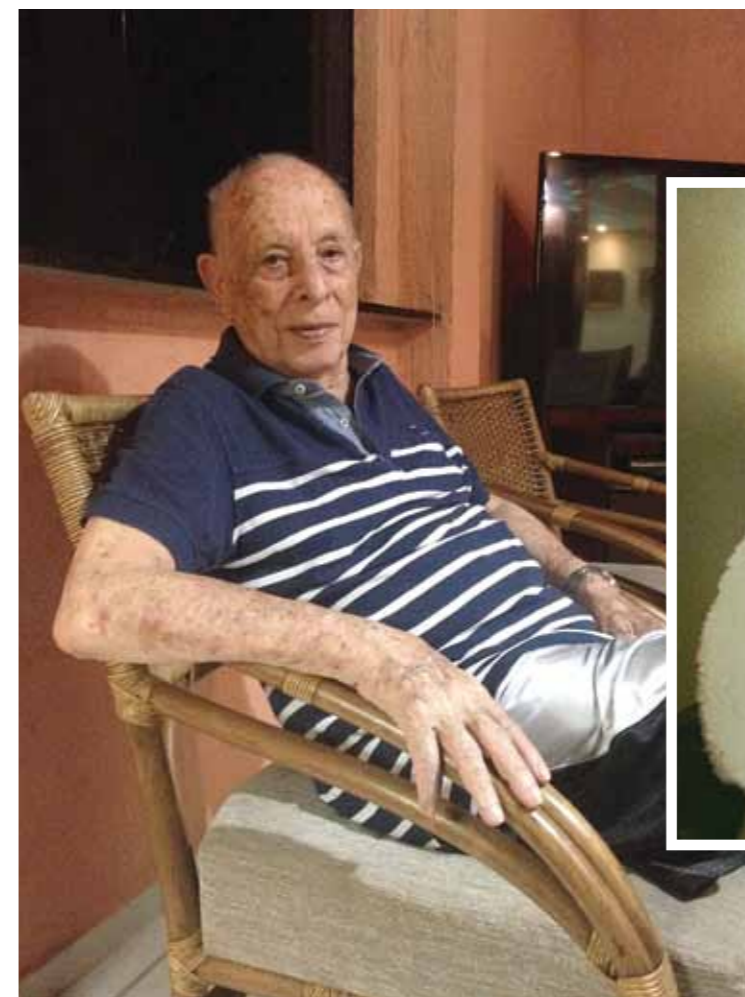


A residência deu lugar ao edifício Plaza Atlântico



Em 5 de setembro de 1986 a família deixa o casarão do início do século, que foi derrubado a marretadas e por tratores. Ergueu-se ali o residencial Plaza Atlântico. Nenhum membro da família chegou a morar no edifício, todos venderam seus apartamentos da parte da negociação.

“Moramos durante 38 anos nessa casa, tivemos alegrias e tristezas. Nossa família foi muito feliz nesse imóvel. Demos a vez a outras famílias curtirem essa bela paisagem”, resume o agropecuarista Antônio Carlos Magalhães Alves, conhecido como Toninho Magalhães.



## Arquivo vivo

Eu não conhecia o piloto aposentado Graco Magalhães, apenas de ouvir falar pelo meu pai e amigos. Data e hora combinadas e me deparo com um senhor de 93 anos, alto, educado e com uma memória privilegiada. Foram duas horas de conversa. Ou melhor, de uma aula de história. Impressionantes lucidez e raciocínio rápido para as respostas. Conversamos sobre muitas coisas, a Natal de

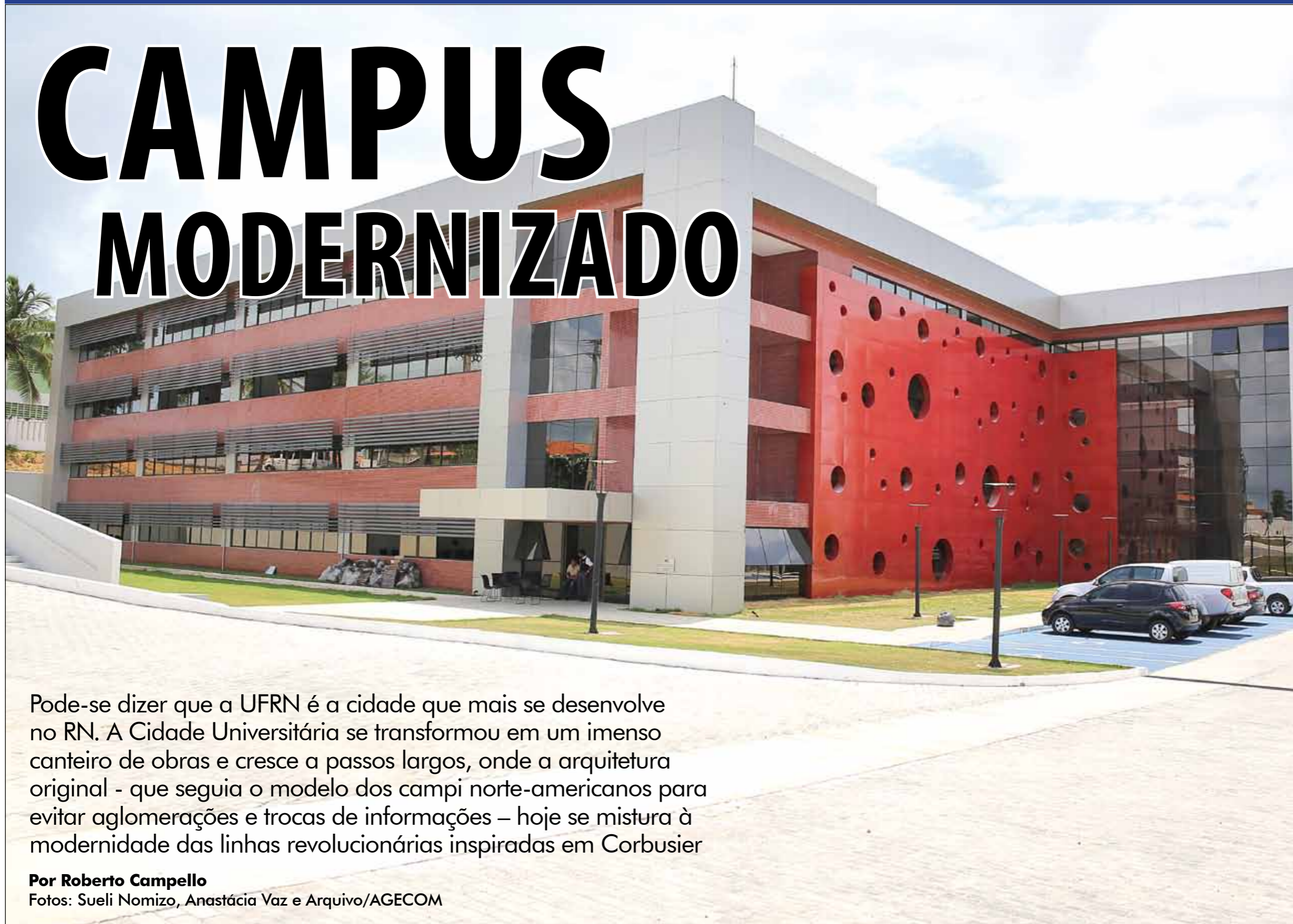
outrora, política e algumas histórias que não posso contar aqui nesta matéria (risos).

Graco Magalhães se aposentou no segundo mandato do governo do hoje senador José Agripino (DEM). É testemunha de muitas conversas e articulações políticas de grandes líderes da política local. Privava da intimidade de todos os políticos com quem conviveu durante anos, tanto na cabine

do avião que os transportava quanto nas conversas em aeroportos e residências oficiais dos governantes.

A discrição sempre foi sua marca registrada. Ouviu muita coisa, mas até hoje guarda segredos que jamais serão revelados, garante. No final da entrevista, perguntei qual é a melhor lembrança da casa. De imediato, respondeu: “Ver o nascer da lua cheia com minha saudosa Elza”.

# CAMPUS MODERNIZADO



Pode-se dizer que a UFRN é a cidade que mais se desenvolve no RN. A Cidade Universitária se transformou em um imenso canteiro de obras e cresce a passos largos, onde a arquitetura original - que seguia o modelo dos campi norte-americanos para evitar aglomerações e trocas de informações – hoje se mistura à modernidade das linhas revolucionárias inspiradas em Corbusier

**Por Roberto Campello**

Fotos: Sueli Nomizo, Anastácia Vaz e Arquivo/AGECOM

**NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS**, o Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tem se transformado em um imenso canteiro de obras. Por onde se anda, observam-se novos prédios sendo erguidos, nos mais diferentes setores e com as mais variadas formas arquitetônicas – destaque para o prédio das novas engenharias, mais conhecido como Minhocão. Nesses últimos dez anos, a área construída da Universidade cresceu mais de 50%, saltando de cerca de 200 mil m<sup>2</sup> para aproximadamente 300 mil m<sup>2</sup>. Mesmo com a expansão e os projetos arrojados, os primeiros – e mais tradicionais - prédios da Instituição resistem à modernidade e permanecem imponentes ante o novo – como a reitoria e a capela.

Um simples passeio pela Universidade se transforma em uma verdadeira aula de arquitetura. Tudo começou no início dos anos de 1970, quando foi dado o pontapé para a construção do Campus Central, numa área de 123 hectares. Hoje, o campus abriga arrojado complexo arquitetônico, circundado por um anel viário que o integra à malha urbana da cidade de Natal.

Com as projeções de crescimento, foi criada a Superintendência de Infraestrutura da UFRN, responsável por todo e qualquer projeto arquitetônico e de infraestrutura da Universidade. Segundo o arquiteto Nilberto Gomes, quando se iniciou o processo de desbravamento o projeto urbanístico do campus e a distribuição dos centros eram de autoria do arquiteto e engenheiro civil paraense Alcyr Meira.





Antigos corredores da UFRN



Nilberto Gomes, arquiteto

O modelo do Campus da UFRN, assim como outros tantos que estavam sendo construídos à época, seguia o estilo dos campi norte-americanos, com a ideia de separação e isolamento dos vários centros – inclusive fisicamente –, influenciados pelo movimento que aconteceu na Califórnia (EUA), quando estudantes realizaram protesto e quebraram tudo. Aqui, então, a ideia era evitar aglomerações e trocas de informações.

Ainda hoje é possível ver aquela mesma distribuição original do campus. Nos primeiros projetos, o concreto (rocha bruta) estava mais aparente. “Quanto mais concreto, melhor seria a arquitetura”, explica Nilberto Gomes. É possível identificar esse modelo em todos os edifícios iniciais, como a Reitoria, a Biblioteca Central Zila Mamede, o Centro de Convivência, a Capela e os setores de aula.

Quem passa pelos setores de aula mais antigos, como o setor I, por exemplo, identifica janelas com

um design diferente das usuais, que, por sinal, não facilitam a entrada de ar, o que torna as salas mais quentes – além do concreto. O arquiteto explica que o modelo de esquadria utilizado nos primeiros setores de aula da UFRN é oriundo da Europa e difundido mundialmente à época. A pouca inclinação – cerca de 30 graus – também era em função das fortes chuvas, comuns na região dos trópicos.

“Não há uma relação direta com a neve, embora no local onde essas janelas eram utilizadas, na Europa, por exemplo, tinham esse papel de proteger a sala de aula da neve e das chuvas, mas aqui o arquiteto tinha conhecimento do clima. Utilizou-se desse tipo de esquadria porque era o mais usado no mundo”, explica Nilberto. “Era a vertente da arquitetura brutalista inglesa, que procura usar os materiais naturalmente para deixar a riqueza natural do material se expressar na arquitetura. Os primeiros edifícios do campus traduzem essa corrente”, complementa.

O tempo foi passando e novos prédios – aos poucos – erguendo-se, já com projetos mais modernos. O boom de construção e do crescimento na infraestrutura da UFRN, no entanto, aconteceu nos últimos anos, transformando a Instituição em um gigantesco canteiro de obras. “Apesar da diversidade arquitetônica que é vista hoje, o que temos em comum é uma preocupação ainda maior do conforto ambiental com a sustentabilidade. A linguagem mudou porque os projetos estão mais modernos e ousados. A linguagem arquitetônica do campus é toda modernista, salvo pouquíssimas exceções classificadas como pós-moderna. Os prédios, tanto os de 1970 como os que estão sendo construídos hoje, são modernistas, o que muda é apenas a linguagem”, detalha o arquiteto. No passado, por exemplo, a alvenaria era o principal elemento de proteção contra insolação – observados na Reitoria e no Laboratório de Química.



## Futuro moderno e sustentável

Responsável pela Superintendência de Infraestrutura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – antiga Prefeitura da UFRN – Gustavo Coelho explica que o processo de expansão e modernização do campus é o mesmo que acontece em diversas instituições federais, principalmente pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), do Governo Federal, com o objetivo de ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Além disso, a UFRN foi em busca de outras parcerias, com programas de fomento, como Petrobras e o CT-INFRA, do Finep.

“A Universidade soube aproveitar muito bem esse momento importante de financiamentos e

conseguiu fazer um Reuni bem diferenciado do que se planejou inicialmente. Conseguimos fazer uma boa expansão e o resultado disso foi a ampliação no número de vagas tanto na graduação quanto na pós-graduação, como na pesquisa. A Universidade conseguiu estabelecer objetivos e estamos lutando para atingi-los”, discorre Gustavo Coelho.

Para o futuro, a ideia é expandir ainda mais, mas já esbarra na limitação do Plano Diretor. “A implantação de novas estruturas requer que cumpramos requisitos urbanísticos e de obras para que possamos cumprir o nosso Plano Diretor na íntegra. Temos algumas, poucas áreas que dão para receber expansões, mas muitas áreas já estão comprometidas”, explica o



Gustavo Coelho

superintendente. Além do prédio, é necessária toda uma infraestrutura, como vias, estacionamento e esgoto, por exemplo. Para este ano de 2015 o plano de desenvolvimento conta com mais de 100 projetos em andamento, nos mais diversos estágios, de construção, ampliação, reformas, ajustes ou melhoramento das estruturas. “A própria dimensão da Universidade leva a uma diversidade muito grande”, diz.

Entre os projetos futuros, a construção do Centro de Convenções da UFRN, ampliação dos centros, construção de novas salas de aulas e laboratórios, tanto no Campus Central quanto nos campi de Caicó, Currais Novos, Santa Cruz, Nova Cruz e Macaíba. A continuidade do projeto de expansão do Parque Esportivo também está na pauta da Infraestrutura. Depois da pista de atletismo, com qualidade internacional, agora é a vez da reestruturação do parque aquático. Além disso, a construção do Instituto do Cérebro também deve ser iniciada nos próximos meses.

O desafio hoje é acompanhar o crescimento de forma responsável e atento às questões ambientais e de sustentabilidade. “Temos que manter toda essa estrutura em funcionamento e fazer com que elas durem por muito tempo, integrada ao meio ambiente.

As nossas ações e edificações estão caminhando para a sustentabilidade, com preocupação, por exemplo, com gestão de resíduos, tratamento de águas e esgoto. Nos preocupamos com a gestão da vida desses 123 hectares que fazem parte da UFRN”, destaca o superintendente de Infraestrutura.

“Paralelo a tudo isso, estamos fazendo a ampliação do sistema de abastecimento d’água, de esgotamento sanitário, da rede elétrica, de internet. Essas obras de infraestrutura básica estão preparando a Universidade para o futuro e são extremamente necessárias para que a UFRN continue nesse processo de expansão e desempenhe suas atividades plenamente”, ressalta.



## Capela Universitária: monumento à fé que emociona visitantes

Inaugurada em 1973, a Capela Universitária foi um dos primeiros prédios a serem construídos dentro do campus da UFRN, junto com o Anfiteatro e a Piscina Olímpica. Hoje ecumênica, o local, palco de casamentos, batizados e missas de formaturas, foi construído no alto de uma duna, o que fez com o que o prédio se destacasse entre as demais construções da Universidade e atraísse a atenção não só da comunidade acadêmica, mas de toda a cidade.

Fruto de uma inspiração arrojada para a época e construção, a capela foi projetada pelo fundador do curso de Arquitetura da

UFRN, João Maurício Fernandes de Miranda. A ideia era reproduzir as formas da casa tradicional da Colônia Brasileira, com uma mudança de eixos que permitisse uma maior reverberação acústica. Por isso que, dificilmente, uma cerimônia na capela precisa utilizar microfones.

Atualmente a capela é administrada pela Superintendência de Infraestrutura da UFRN e, mais de 40 anos depois de sua construção, guarda muito do seu projeto original. Quem passa ao largo do anel viário ou na BR 101, em frente ao campus, vê a imagem da igreja semelhante à de anos atrás.



Prédio abrigará os modernos laboratórios de engenharia

## Minhocão – a casa das engenharias

Um dos projetos idealizados entre os mais ousados, o Minhocão, em fase de construção, abrigará os laboratórios das novas engenharias. Nilberto informa que a arquitetura do prédio é uma quebra de paradigma dentro da UFRN. Ele considera que o Minhocão atende os cinco pontos propostos por Corbusier, da Arquitetura Moderna: planta livre, fachada livre, pilotis, terraço jardim e janelas em fitas. O prédio tem aproximadamente 8 mil m<sup>2</sup>, orçado em mais de R\$ 15 milhões, com previsão de conclusão para o primeiro semestre de 2015.

A planta livre do prédio

permite a livre locação das paredes, já que estas não precisam exercer a função estrutural, dando mais longevidade. Assim como a fachada livre que resulta igualmente da independência da estrutura. Desta forma, a fachada pode ser projetada sem impedimentos. As janelas em fita, possibilitada pela fachada livre, permitem uma relação desimpedida com a paisagem, além de uma melhor iluminação interna, o que ocasiona economia de energia.

Uma das coisas que chama a atenção do prédio – além do formato em “S”, por isso o nome minhocão – são os pilotis, uma vez que o prédio fica suspenso. O

pilotis é um sistema de pilares que elevam o prédio do chão, permitindo o trânsito por debaixo dele. “A ideia principal do projeto é a quebra o paradigma da linha reta e se adequar ao terreno. Fizemos isso para ganhar terreno também”, afirma o arquiteto.

O Edifício das Novas Engenharias pertence ao Centro de Tecnologia da UFRN e abrigará os cursos de Engenharia de Redes, Engenharia de Produção, Engenharia Ambiental, Engenharia de Petróleo, Engenharia Mecânica e o laboratório de Engenharia da Computação e Automação. Serão 47 laboratórios e 52 salas de professores.



## Centro de Convenções mais moderno do Nordeste

Deve sair do forno nos próximos meses outro dos projetos mais ousados da UFRN. É o centro de convenções, que projeta-se como um dos mais modernos do Nordeste, com capacidade para 1.300 pessoas, fosso para orquestra, dois camarins individuais e dois coletivos, além de copa, locais técnicos e depósitos.

O projeto cenotécnico e

acústico foi feito pela mesma equipe do Teatro Castro Alves de Salvador (Sonar) e o projeto luminotécnico por Ricardo Morais e Cláudia Valença (Quanta), com luminárias exclusivas.

O centro de convenções terá também um espaço para exposições, salas polivalentes com configuração máxima para duas mil pessoas ou seis de aproximadamente

300 lugares, além de restaurante, fraldário, posto de enfermagem e administração. Ao todo, serão mais de mil vagas de estacionamento.

O equipamento desempenhará importante papel acadêmico, formando alunos do Departamento de Artes, que tem os cursos de Dança e Teatro. Deverão utilizá-lo para apresentações e também para aperfeiçoar a parte técnica,

cenotécnica, iluminação, sonorização e produção de cenários.

A Escola de Música da UFRN será outra unidade bastante favorecida, pois o centro de convenções terá lugares para ensaios e apresentações. A sala poderá se adequar, em tamanho, a apresentações de menor porte. Uma cortina acústica poderá dividi-la ao meio, a depender do que for ser apresentado.

Foto: Blog do Elvis Bezerra



Ciclofaixa é mais uma opção de transporte na universidade

## Vêm aí a ciclovia

Mais uma opção para o trânsito está em construção no Campus Central. É a primeira fase de obras da Ciclovia, com ciclofaixas (cada lado da pista terá mão única) em torno de oito quilômetros. Esse primeiro trecho corresponde ao entorno do anel viário do campus, que fica próximo à Escola de Música, e tem extensão de quatro quilômetros, estilo ao existente na Via Costeira.

A intervenção prevê redução do canteiro central, uma área natural de drenagem, e ligará da Praça Cívica até a entrada do conjunto Cidade Jardim. A segunda etapa consiste a parte interna do campus universitário. As obras viárias, que abrangem tanto as rotas acessíveis como as ciclofaixas, estão orçadas em cerca de R\$ 2 milhões, executadas com recursos próprios da UFRN.

Também estão em an-

damento as obras de criação de rotas de acessibilidade, voltadas para pessoas com deficiências, em especial as com dificuldade de locomoção e deficiência visual. As rotas estão sendo construídas a partir das paradas de ônibus dos setores de aula I e II. No primeiro caso, o trajeto passará pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), seguirá até a Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM) e irá até o Centro de Convivência.

No segundo, o trecho passará pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) e, em seguida, também pela BCZM e o Centro de Convivência. Serão implementadas rampas que vão ligar as travessias elevadas nas paradas de ônibus em ambos os sentidos da pista do anel viário. As rotas terão piso nivelado e com características táteis de alerta, para pessoas com deficiência visual.

# DE RÉU A JUIZ

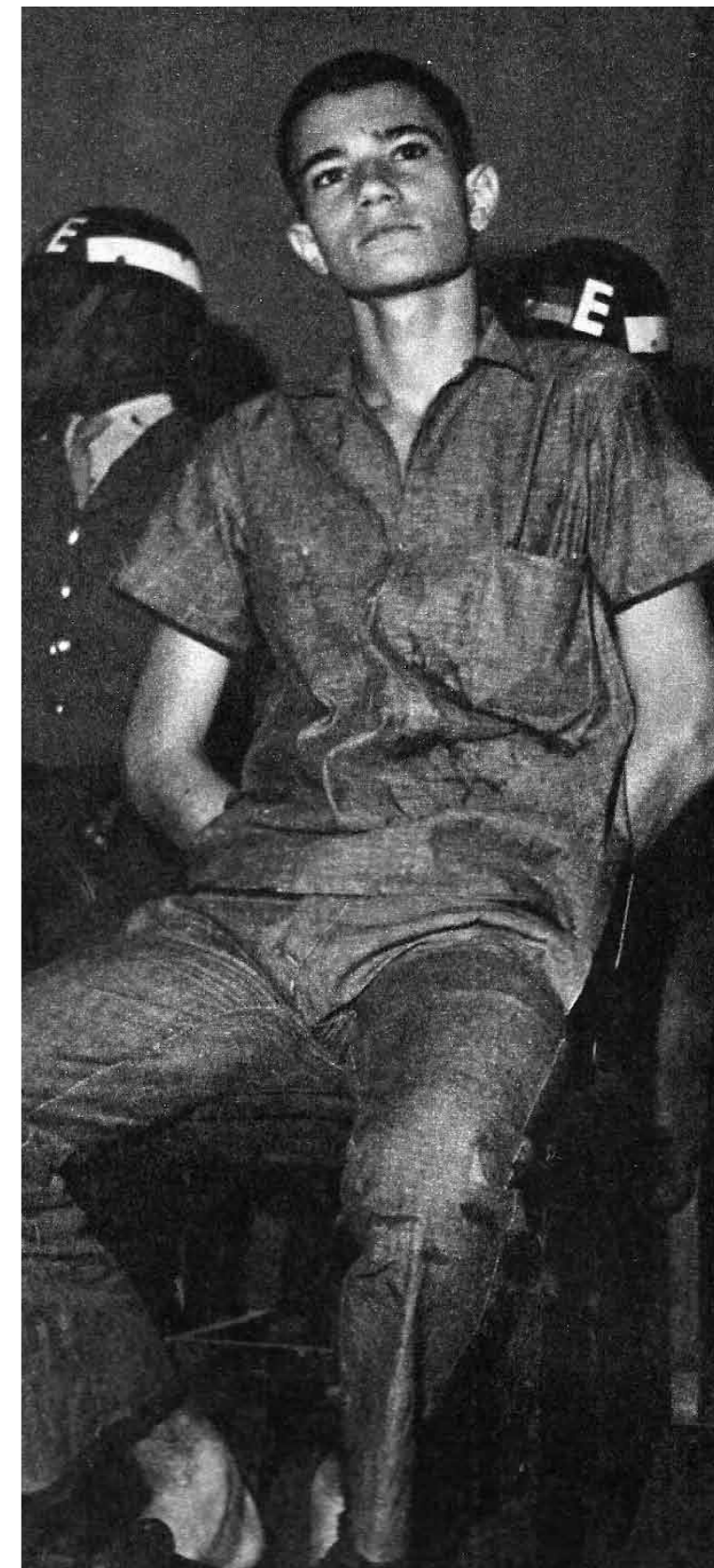
**O potiguar Theodomiro Santos foi o primeiro condenado à pena de morte no Brasil após a proclamação da República. Fugiu e se exilou na França. No retorno ao Brasil, passou no concurso do TRT e presidiu a Associação dos Magistrados. Aposentado, recusou a pensão pelos anos que passou na prisão, por considerar que juiz ganha suficientemente bem**

Por Alice Lima

Fotos: Arquivo e Divulgação

EM UM PERÍODO onde democracia e liberdade andavam distantes do povo brasileiro, Theodomiro Romeiro dos Santos deixou a pacata vida adolescente na Natal da década de 1960. Filho de uma professora e de um militar, o estudante do tradicional Colégio Marista optou pela luta armada em busca da redemocratização do país. O tempo era a Ditadura Militar, instalada no Brasil de 1964 a 1985. O garoto que poderia ter fechado os olhos ao que se passava ao redor e cursado Medicina, curso para o qual fora aprovado, estava completamente envolvido com o clandestino Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Foi ele, aos 18 anos de idade, o primeiro condenado à pena de morte na era republicana. Só esse detalhe seria suficiente para diferenciá-lo na multidão, mas “Theo” foi além. Os livros e filmes que ilustram o período mais conturbado da história nacional têm um personagem que rende uma história impressionante, seja pelos feitos, pelos envolvidos ou mesmo pelo que se tornou depois dos ‘tempos de chumbo’.

Hoje ele é juiz aposentado do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região (TRT6), em Pernambuco, mas antes passou quase dez anos na prisão, em Salvador, capital da Bahia. Fugiu bem perto de conseguir a liberdade condicional, ato que poucos entenderam à época, mas que teve motivações sérias geradas, sobretudo, por comentários de nada menos que Antônio Carlos Magalhães. A foto de Theo preso, algemado, após dias de tortura, mas com o semblante de um calmo menino, enquanto era julgado por um duro tribunal ganhou o mundo na luta pela anistia. O seu crime: matar um sargento da Aeronáutica, enquanto regia a prisão, no dia 27 de outubro de 1970. De codinome Marcos, estava com os colegas Getúlio de Oliveira Cabral (Gogó) e Paulo Pontes da Silva “cobrindo um ponto”, na Avenida Vasco da Gama, quando de um jipe desceram quatro agentes que lhes deram voz de prisão. Theodomiro e Paulo foram presos e algemados.



Com o pulso direito livre, no banco traseiro, Theo retirou um revólver 38 da pasta que portava e atirou no sargento Valder Xavier de Lima, que saía do jipe. Com mais dois disparos, feriu o agente da Polícia Federal Amilton Nonato Borges, e foi dominado.

Pelo crime, Theodomiro foi condenado à morte. Pena comutada para prisão perpétua, e, posteriormente, 30 anos de prisão. No dia 17 setembro de 1979 fugiu da penitenciária e encaminhado para a Nunciatura Apostólica, em Brasília, onde pediu asilo político e obteve salvo-conduto para o exterior. Entre tantos acontecimentos pesados, há as bonitas linhas da história, como o apoio dos companheiros de partido e cárcere, irmãos, além da coragem incondicional da mãe, dona Georgina. A vida já seria surpreendente se o fim fosse o cárcere, mas a trajetória de ficção da vida real deu muitos outros passos, como a fuga cinematográfica, pelos detalhes sutis, o exílio na França, onde foi metalúrgico e pintor de paredes e, em seguida, a volta para o Brasil, em setembro de 1985, onde se tornou juiz e chegou à presidência da Associação dos Magistrados Trabalhistas de Pernambuco. Hoje, aos 63 anos e uma vida nada corriqueira, aquele que foi preso político, famoso mundialmente e assumiu cargo da mais alta relevância, como a magistratura, fala com tamanhas serenidade e humildade como se estivesse conversando sobre contos e pessoas de um livro, mesmo quando trata-se da sua intensa e impressionante trajetória.



“Quando vou a Natal passo para olhar o Marista. Tenho tanta saudade daquela época”



## A vida em Natal

No álbum do bebê, feito com carinho para cada filho, as fotos de todos os meses do primeiro ano de vida. Nele, Georgina Romeiro dos Santos colocava também que profissão gostaria que eles seguissem. A professora foi a segunda esposa de do capitão do Exército Modesto Ferreira dos Santos, que antes fora casado com a sua irmã. Quando ficou viúvo, casou-se com a cunhada, que cuidou e criou das crianças do primeiro casamento. Apenas dez anos depois teve o primeiro filho do seu ventre, que foi Theodomiro. Em seguida vieram mais dois, Maria Helena e Modesto.

Na Rua Meira e Sá, atualmente Barro Vermelho, a família sempre foi muito unida. Os mais velhos já estavam encaminhados no momento em que o pai morreu, quando Theo tinha nove anos. Estudou em algumas escolas, entre elas o Colégio Batista (evangélico), Frei Miguelinho, Instituto Brasil e, em seguida, no Colégio Marista de Natal, instituição decisiva para a sua vida. “Quando vou a Natal passo para olhar o Marista. Tenho tanta saudade daquela época”, diz, saudoso e com a delicadeza característica.

Aos 15 anos, estudante do Marista, começou a lutar contra

a ditadura militar. Foi no papado de João XXIII que despertou para as causas sociais. A corrente progressista, da qual fazia parte Dom Eugênio Sales, começou a se voltar aos problemas do mundo. O garoto tinha amigos militantes de partidos de esquerda, como José Pedro Pinheiro, Juliano Siqueira e Jaime Ariston, mas ele ainda não tinha vinculação partidária, apenas participava das atividades na igreja com o trabalho de assistência social. Os laços e a identidade foram se estreitando com os colegas que também participavam e, através da amizade, foi ingressando no mundo da política.

A adesão ao partido de esquerda só aconteceu quando foi morar em Salvador. Em maio de 1968, estudantes do mundo inteiro rebelaram-se. Jovens de Natal foram presos no histórico “Congresso de Ibiúna”, que reuniu centenas deles, e outros na própria cidade, assim como universitários de outros Estados. Dois irmãos Marista também foram detidos. Após o evento, a repressão ganhou muita força. Foi quando começou a se preocupar com a força policial que prendeu seus conterrâneos e houve o temor de novas prisões. Um dos irmãos Marista preso foi transferido, por segurança, para Salvador e Theo foi convidado a ir também, quando estava em Brasília na casa do irmão mais velho, na tentativa de sair da capital potiguar.



## A luta armada

Na Bahia, entrou em contato com o clandestino PCBR, por intermédio de dois militantes. Ele dividia o apartamento com outros três deles. No período, aconteceu a prisão de pessoas do partido no Rio de Janeiro, inclusive o presidente da legenda, que fora assassinado, o jornalista Mário Alves. Bruno Maranhão, outro líder, conseguiu fugir e acabou no apartamento do potiguar. Ponto de partida para sua iniciação na militância. “A luta armada era a forma pela qual se pretendia derrubar a ditadura e construir o socialismo. Existiam várias frentes, desde a política à luta armada. O PCBR tinha a proposta de criação de grupos de guerrilha para formar no campo um universo militar revolucionário e assim derrubar o regime”, conta Theodomiro.

A primeira função dada foi fazer o trabalho político com o movimento estudantil e discutir temas. Logo pediu ao partido para ser transferido ao setor mi-

“A luta armada era a forma pela qual se pretendia derrubar a ditadura e construir o socialismo.”



litar e criar grupos guerrilheiros no interior do país. Grande parte do financiamento do PCBR era feito por profissionais liberais, que contribuíam mensalmente, mas também existiam os assaltos a bancos para viabilizar as ações. O potiguar participou de um saque ao Banco da Bahia. Sobre a sensação, lembra que “existia o medo, mas os militantes estavam condicionados a combatê-lo”.

Ele era o mais novo do grupo, 17 anos, e tudo isso acontecia sem que a mãe soubesse. Quando tomou conhecimento, foi até a Bahia tentar convencer o filho a voltar pra casa ou ir morar com a irmã mais velha, Marilene, que era freira, na África, para montar uma escola. A conversa se deu no dia em que o Brasil foi tricampeão da Copa do Mundo (1970), o que elevou a popularidade do governo militar. Esforço em vão. O filho sequer cogitou aceitar a proposta. Meses depois, foi preso.

## Assassinato e os dias de tortura

Theodomiro atribui os acontecimentos do dia que definiu o seu futuro a dois motivos: quebra de normas de segurança do partido e descobertas por partes dos órgãos de repressão. Os “aparelhos” (casas) de pessoas que militavam clandestinamente na capital baiana foram descobertos em grande número. Quando isso acontecia, o procedimento era desmobilizar tudo para que as pessoas não fossem descobertas. Todos deveriam ir para lugares diferentes. A maioria assim fez. Theo ficou para resolver algumas questões com outros que restaram. Os encontros eram feitos na rua, de acordo com o combinado, para que um não soubesse o endereço do outro, sob pena de precisarem confessar e, desse modo, expor companheiros ao perigo.

Acontece que o local escolhido, o Dique do Tororó, já era bastante conhecido pela repressão, devido ao grande número de encontros. Não à toa, uma patrulha mista estava bem ali e à paisana. O encontro era entre Theo, Paulo Pontes e Getúlio Cabral, e só o último escapou da prisão. Na ronda estavam o sargento da Aeronáutica Walder Xavier de Lima, o cabo do Exército Odilon Costa e os agentes federais Hamilton Nonato Borges e José Freire Felipe Junior. Getúlio conseguiu correr.

O potiguar reagiu à prisão, o que surpreendeu o grupo. O veículo arrancou para capturar o fugitivo, que corria atirando. O cabo Odilon ficou em terra, tentando acertar o alvo com tiros. Depois de percorrer



alguns metros, o jipe brecou junto a uma estreita e insegura ponte por onde Getúlio escapava para alcançar a outra margem do Dique. O fugitivo só foi preso dois anos mais tarde, e assassinado no Rio de Janeiro.

Os outros três permaneceram no banco da frente enquanto tentavam a captura. No trajeto, por distração, um deles devolveu a Theo uma pasta onde estava a arma do estudante. Com a mão esquerda, apesar de ser destro, o garoto que teve treinamento de tiro no partido, mirou e acertou Walder, que morreu. Atirou no segundo, mas errou e, no terceiro, Hamilton, acertou dois tiros, que ficaram na omoplata e não causaram maiores lesões. O que saiu ileso se virou, puxou o braço do militante e, com a sua arma, começou a dar coronhadas em sua cabeça. Theo teve princípio de desmaio e começou a ter sacramentos, o que tirou sua visão. “Não tenho

ideia do que o levou a não me matar, não consegui essa resposta”, comenta.

A reação à prisão seguiu as regras do partido. Depois do assassinato de Mário Alves, a decisão foi de que quando os militantes fossem presos, deveriam reagir, para evitar maior sofrimento e risco aos demais, que fossem mortos logo e não depois de tempos de tortura, como aconteceu com o jornalista, barbaramente torturado.

Hamilton, que ficou machucado, participou das sessões de tortura de Theodomiro no mesmo dia, mas José Felipe Filho nunca mais foi visto pelo rapaz. A primeira parada dos capturados foi na Polícia Federal. Algemados, foram torturados e depois separados para que as sessões continuassem. Theo desmaiou e, na sequência, levado ao pau-de-arara. Foram dois dias na PF até serem levados ao Forte do Barbalho, à época Quartel do Exército, um dos principais centros de tortura.



Theo passou quase 10 anos no presídio Lemos de Brito, em Salvador

O comandante Hemetério Chaves é apontado como um dos maiores torturadores do regime pelos sobreviventes.

As sessões de tortura continuaram ininterruptas por 12 dias. Theo conta que era uma sequência de métodos macabros que variavam entre pau-de-arara, afogamentos, choques e espancamentos, ou, às vezes, todos de uma vez. Sem água, comida ou banho para limpar o sangue e feridas. Nos primeiros dias, nem sabiam o nome do potiguar e essa era a principal pergunta. Ele mentiu o nome, que só foi revelado dias depois. Em seguida, queriam que ele entregasse a identidade de outros companheiros.

Uma das cenas dos dias de intenso sofrimento foi descrita pelo hoje deputado federal Emiliano José, que também foi preso político. Banhado em sangue, Theo poderia morrer durante uma das sessões. Como tinha um julgamento aguardado, o comandante

mandou chamar um enfermeiro para maquiagem a situação. “Cheio do mesmo ódio, o enfermeiro cortou o cabelo de Theodomiro, observou-se os ferimentos causados pelas coronhadas, considerou-os leves e disse que não era necessária nenhuma providência. Remexeu em sua pasta, procurou alguma coisa, e lamentou: ‘Pena que não tenha trazido uma seringa, eu dava uma injeção de éter em seu saco, \*\*\*\*!’. Pegou o vidro de éter e derramou inteiro na cabeça de Theo, cuidando para que uma boa quantidade lhe chegasse às faces e aos olhos, o que quase o enlouqueceu de dor”, escreveu Emiliano.

Segundo Theo, o período de maior risco eram as primeiras horas e dias do preso político, quando as pessoas próximas ainda não sabiam da prisão e não podiam, do lado de fora, ajudar. Na Bahia, a repressão era mais branda que em grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo

Horizonte. Os militares não tinham tanta experiência como os daqueles locais. Por isso, quando o prenderam começaram a entrar em contato com pessoas do Rio Grande do Norte e Pernambuco. No RN, falaram com o capitão Cleanto, antigo amigo do pai de Theo. Ele foi a Salvador para interrogá-lo. No retorno, levou uma carta à mãe, Georgina. Foi o militar quem ofereceu o favor ao preso e ouviu dele: “Não estou te pedindo nada, nem me considero devedor seu e não espere meu muito obrigado. O senhor está me oferecendo”. Nesse caso específico, o interrogatório não teve tortura. O bilhete foi levado e o capitão contou a dona Georgina que ele estava preso, mas bem. Sábia, a professora que trabalhava na Base da Força Aérea de Natal logo entendeu o que se passava.

Imediatamente, ela foi para a cidade onde o filho estava preso, procurou advogados e começou a se mobilizar. Um dos boatos não comprovados é de que houve uma reunião para decidir se ele iria ser morto ou não e a maioria dos militares teria escolhido a segunda opção. Resposta que Theo nunca teve. A condenação formal talvez fosse mais exemplar para eles. No dia 27 de novembro, um mês após a prisão, foi torturado novamente. A cena é lembrada em detalhes. O cabo Dalmar Caribe, campeão de caratê à época, encontrou o preso jogado no chão, pois depois de muito apanhar estava com o joelho quebrado e não conseguia andar. Ao lado de outros três homens, o lutador o espancou com chutes, socos e golpes.

## Pena de morte

A ditadura contabiliza muitas mortes, sem que precisassem ser autorizadas. No entanto, o caso de Theo tomou grandes proporções e matá-lo não seria em nada silencioso, o que poderia desestabilizar o regime. Como o processo para se chegar até a pena de morte era rápido, pararam de torturá-lo em parte porque precisavam que ele chegasse vivo ao dia do júri. Ele foi o primeiro condenado à pena de morte no Brasil após a proclamação da República. Duas outras pessoas foram depois.

A condenação chegou no início do ano seguinte ao crime. O encontro de mãe e filho aconteceu apenas neste ano, pois na primeira ida não conseguiu autorização para vê-lo. Encontro rápido e cercado pela tensão do momento. Ela conseguia manter a calma, como uma fortaleza. Por vezes, Theo imagina como foi para a mãe trabalhar na FAB depois que o filho matou alguém da Força, mas ele nunca a ouviu falar sobre isso, pois ela não costumava reclamar da vida. “Mamãe arrumava a mala e dizia para a gente ter cuidado, pois ela precisava ir a Salvador ficar com Theo. Mas ela não chorava nem se lamentava. Era como se estivesse apenas indo visitar um filho, tamanha a força dela”, lembra Modesto, o caçula da família.

Quando foi decidida a pena máxima para Theo, houve mobilização no mundo, como não se via desde que fora decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5). “Fico constrangido



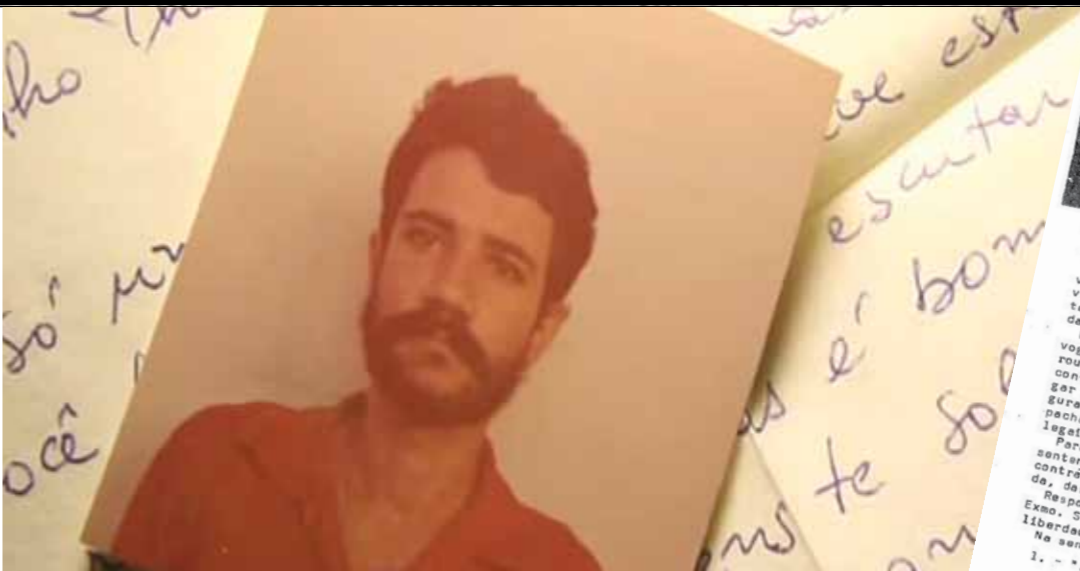
No governo de Ernesto Geisel, Theo passou a receber visitas com mais frequência. Na foto, a então esposa e o primeiro filho, gerado enquanto cumpria pena



em dizer porque parece que estou fazendo pouco, mas ninguém acreditava que eu fosse ser executado, só mesmo a minha mãe, que ficou louca com isso”, emenda. Do ponto de vista jurídico, existiam situações atenuantes. Ele era menor de 21 anos (o que diminuía sua responsabilidade), sem antecedentes e tinha uma atividade regular como estudante. Entidades, como a Ordem dos Advogados do Brasil, levantaram contra a decisão. Começou uma onda de oposição à condenação no mundo inteiro, em frente às embaixadas brasileiras. Até parlamentares da Arena, partido da ditadura, que se manifestaram contra a pena máxima.

Em 1971, ele estava na lista dos que seriam trocado pelo embaixador da Suíça, mas como estava no período do governo Médici, o mais duro do regime militar, não autorizaram a troca pelos que se envolviam na luta armada. Chegaram a arrumá-lo para

aparecer. Cortaram o cabelo e vestiram roupas limpas. Passou dois dias achando que seria solto, mas muito rápido soube da mudança. A condenação à pena de morte acabou como fonte de constrangimento. Passou cerca de dois anos condenado à prisão perpétua, que foi reduzida para 30 anos. Existiam ainda dois outros processos: o assalto a banco, pelo qual fora condenado a 17 anos e, o segundo, por ser militante de um partido clandestino. No total, eram quase 48 anos de reclusão. Depois da readequação das penas da Lei de Segurança Nacional, por pressão, transformaram a pena de morte em 20 anos e a prisão perpétua em oito. Theo passou a ter a segunda somada aos outros crimes, o que resultava em 14 anos de condenação, dos quais, a essa altura, tinha cumprido quase nove. Com o aumento da coerção, todos os presos políticos iriam sair, mas o potiguar continuaria.



## Por que a fuga?

Em meio a confusão sobre a decisão da Justiça, em 1979, que pela pressão e recursos teria que libertar o potiguar, o jornalista Fernando Escariz, repórter do jornal A Tarde, entrevistou o então governador Antônio Carlos Magalhães. Questionou se Theo seria mesmo solto e a resposta ecoou como um visor: “Olhe, não sei não. Você sabe que o sistema penitenciário tem muita morte, até entre os próprios presos”. O jornal nada publicou, mas o repórter se sentiu na obrigação de ir à penitenciária alertar o potiguar. Fugir era preciso.

Theo mudou toda a fisionomia para não ser reconhecido. O cabelo grande e cacheado deu lugar a um mais curto, sem barba e também trocou os óculos. Ele estava acostumado a sair sozinho para a área externa, partia cedo e voltava também. A guarda funcionava no esquema de 24 por 48h, com três grupos na mesma quantidade de gente. Ele saía às 5h e a guarda era

trocada às 7h. O segredo é que quem o via sair, não o via voltar. No dia 17 de agosto 1979, Theo apenas saiu. O presídio só se deu conta três dias depois.

Combinou com Haroldo Lima, preso militante do PCdoB, que quando estivesse em um local seguro alguém ligaria para Haroldo e diria uma senha para que ele comunicasse a todos e assim foi feito. Com roupa trocada e barba feita, o primeiro destino de Theo foi o cemitério do Campo Santo, onde tinha marcado encontro com uma militante do partido. A colega o levou a outro lugar em Salvador e ele foi entregue a dois outros companheiros do PCBR, que o levaram a uma fazenda de cacau em Ilhéus (BA). Quando o governo descobriu, o prisioneiro estava em local seguro e isolado do mundo, sem nenhum meio de comunicação para que outras pessoas fossem alertadas na cidade.

Depois foi para outra fazenda no sul da Bahia. Na sequência veio

ajuda da Igreja Católica, dos padres Renzo Rossi e Cláudio Perani. Passou um período escondido em um mosteiro em Vitória da Conquista e, por último, na fazenda dos padres do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Quando pararam de procurá-lo, começou a divulgação de falsas notícias, que ele estaria em Lisboa ou Paris. Hélio Lisboa, da Tribuna da Imprensa, ajudou com a publicação das notas que confundiram as autoridades brasileiras. Acreditando que o fugitivo tinha saído do Brasil, pararam de procurar. Ele partiu, então, para o Rio de Janeiro e, depois, Brasília, onde se hospedou em apartamentos dos deputados Francisco Pinto e Airton Soares, do antigo MDB. Ganhou abrigo na Nunciatura Apostólica. Em dezembro de 79 recebeu auxílio na Cidade do México e foi para Paris, França. A primeira esposa e o segundo filho seguiram logo depois. O primeiro vivia em Belo Horizonte, com tios.



## Família

Theo tem quatro filhos, três homens e uma mulher. Dois foram gerados no período da prisão. Bruno nasceu em dezembro 1973 e Fernando nasceu em 1979, dez dias antes da fuga de Theo. Mário, o terceiro do casal, nasceu durante o exílio, na França. A irmã e o cunhado de Conceição, a primeira esposa, também eram presos políticos e os dois se conheceram no cárcere.



Modesto, irmão caçula de Theo



Ana Romeiro, irmã

## A volta

Retornou da França em 1985, após a remissão da pena. Deixou os pertences que adquiriu para refugiados de outros países que moravam lá. Na volta, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, mas durou pouco tempo, pois logo passou em um concurso público para funcionário da Justiça do Trabalho.

Nos tempos de esconderijo na França, trabalhou como metalúrgico e pintor de parede. De volta ao Brasil, passou em dois concursos de nível médio, em Pernambuco, onde foi morar. Já separado da primeira mulher, a segunda, pernambucana, casou-se na Europa. Devido à atividade na Justiça, fez o curso de Direito na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ao concluir, foi aprovado no primeiro concurso que fez para Juiz do Trabalho. Nesse período, já estava no terceiro casa-



Theo voltou do exílio na França em 1985

mento, com Virgínia Bahia, colega de profissão também aprovada para a magistratura na mesma seleção.

Em 2013, aposentou-se do TRT6 e ganhou homenagem da Associação de Magistrados do Estado (Amatra/PE), com depoimentos, em vídeo, de colegas de trabalho e

familiares, a admiração e orgulho de quem conviveu com ele foram estampados. A servidora Mônica Leite contou que em sete anos de trabalho com o magistrado só conseguiu chegar antes dele três dias, pois ele estava trabalhando a partir das 6h30.

## A Justiça

Theodomiro acredita na Justiça e diz que existem coisas muito boas, assim como as “horrorizas”, como corrupção e troca de favores. “O maior problema, na minha opinião, é que o Judiciário é o poder menos democrático dos três. A mudança no judiciário é muito lenta, os tribunais são imbuídos de um sentimento autocrata muito grande, eles são incapazes de dividir o poder democraticamente com os demais integrantes de cada regional. Tudo isso é muito difícil de superar. Você tem um presidente da República e a cada quatro anos o povo pode trocar. No Legislativo, a cada 4 anos você pode, teoricamente, trocar tudo, desde a câmara municipal ao Senado. No judiciário, você não sai. Fica até os 70 anos e agora estão fazendo a maior confusão para ficar até os 75. Não muda”, opinou.

Participou ativamente para que tivesse fim o nepotismo no Judiciário. “A vedação legal é não nomear seus parentes, mas a moral serve também para o cruzado. O tribunal da 6ª região foi pioneiro a acabar com o nepotismo dentro do judiciário. Essas coisas vão e voltam e precisamos ficar vigilantes com os contornos que fazem. É imoral favorecer um parente seu. Isso não existe. Muita gente concorda com isso, mas muitas vezes se acomodam. É preciso ter sempre alguém batendo”, asseverou.



“O Judiciário é o poder menos democrático dos três”



## Política

Não existia ambição pessoal de ser político. Na previsão da liberdade, com a condicional, o partido achou que ele teria condições de se eleger na Bahia. Se o partido tivesse decidido, ele faria, mas com a fuga, o projeto foi abortado. Depois, não teve mais pensamento nesse sentido.



## José Dirceu

Sobre a prisão de José Dirceu e outros antigos heróis na luta contra a ditadura, opina em relação às duas prisões do petista. “São duas situações completamente diferentes. Quando se está em uma ditadura, resistir a ela é um direito natural do ser humano, você tem direito de resistir até por meios violentos, como já foi reconhecido pela Igreja Católica. Você usa métodos que não faria em situações normais. Imagine nos dias de hoje eu saindo de casa para assaltar um banco? É inconcebível! Já em um governo democrático, onde as instituições funcionam e você é livre para reclamar do governo e nada acontecerá contigo, isso não tem cabimento. No regime di-

tatorial, comportamentos que você não tolera e nem pode compactuar com eles são permitidos porque você não tem meios institucionais de se opor àquela ditadura”.

Explicou que não concebe que se viva em uma democracia, participe do governo e pratique atos de corrupção. “O discurso da esquerda no país sempre foi o da moralidade. Era um patrimônio que a gente tinha e está perdendo e não é possível admitir. A esquerda tem que ser antes de tudo honesta e comprometida como bem do povo. Se ele não tem essas duas qualidades, ele é alguém de esquerda deformada. Uma manipulação vergonhosa de uma situação política”.

“

O discurso da esquerda no país sempre foi o da moralidade. Era um patrimônio que a gente está perdendo.”



Theodomiros foi homenageado durante um congresso da Associação de Magistrados do país

## 12 anos de PT

Theo acredita que o discurso da alternância de poder em voga no Brasil é sempre apresentada de forma oportunista. Cita que O PSDB está no governo de São Paulo há 20 anos, ninguém do partido está preocupado com alternância, mas reclama da mudança na presidência. “A minha opinião é a seguinte: você tem um regime democrático, regras estabelecidas democraticamente, que inclusive podem ser mudadas, como há perspectiva com o que se fala sobre reforma política. Se há regras, se a população vota, se pode trocar quando não quer, como quase trocou agora

em 2014, então acho que a discussão sobre alternância é mais oportunista”.

Em relação aos 12 anos do PT no poder, acha que houve grandes avanços do ponto de vista social e econômico. Do ponto de vista político, acredita que os últimos anos foram desastrosos para o país, por dilapidar a defesa da moralidade e não saber se a esquerda será capaz de recuperar esse patrimônio. “Isso fortaleceu a direita, não pelos seus méritos, mas pelo desastre que foi a atuação dos partidos de sustentação do governo na defesa da probidade e moralidade administrativas”.

Foto: Agência Estado



Ato que pedia a volta da Ditadura Militar reuniu cerca de duas mil pessoas na Avenida Paulista

## Volta da ditadura

Após o resultado das eleições de 2014, alguns se posicionaram pedindo a volta da ditadura militar. Para Theo, são inexpressivos. “Por interesse de grupos econômicos e empresariais, houve uma amplificação. Duas mil pessoas em São Paulo fazendo passeata não é nada. Jânio Quadros, em 1960, ao ser convidado para um comício para 20 mil pessoas em São Paulo, disse: ‘Você acha que vou sair daqui para fazer comício para 20 mil pessoas, batendo lata na Sé junto a mais gente? Aí você tem duas mil pessoas na Paulista (avenida) e ganha essa grandiosidade midi-

ática. A divulgação foi exacerbada de uma manifestação pobre”.

Pontua que a população brasileira está em grande parte profundamente desgostosa com os rumos da política e existem forças de articulação da direita para dificultar o governo de Dilma Rousseff, que na opinião dele começou o segundo mandato pessimamente. Sobre o impeachment de Dilma, acha difícil: “Querem impedir a continuidade do PT daqui a quatro anos. A ditadura foi um absurdo completo e não acredito jamais na volta, sobretudo quando o líder é alguém tão absurdo como Lobão (cantor)”.

## Aposentadoria

Quando um juiz se aposenta, só pode voltar a atuar na área jurídica três anos depois. Theodomiros Santos está esperando esse tempo passar para voltar a advogar ou prestar consultoria. Nesse tempo livre, tem estudado e acompanha as modificações e ações jurídicas para se manter atualizado. “Tenho 63 anos e vou deixar a política para os mais jovens”, diz.

“Se quiserem algo da minha experiência e história, estou à disposição. Participo de tudo. Falo disso com um distanciamento inacreditável. Sem sequelas físicas ou psicológicas. Tenho muitos amigos com problemas sérios que não conseguiram se reinserir socialmente. Eu não tenho pânico, pesadelo, nem nada. Passar o resto da vida carregando isso deve ser difícil”, discorre.

Plantar e cuidar do jardim na casa da Ilha de Itamaracá, no Recife, são sua terapia. Hoje tem três netos e procura ser um avô atuante. O irmão Modesto contou que ele poderia receber a pensão do governo federal pelos anos que passou preso, mas rejeitou, pois disse que juiz já ganhava suficientemente bem. Aceitou apenas descontar os nove anos na aposentadoria, devido à pressão dos amigos e colegas da magistratura.

# BRASILEIROS QUE VENCERAM HITLER

Na Segunda Guerra Mundial, soldados brasileiros, entre eles um potiguar vivo para contar história, desembarcaram na Itália e lutaram juntos às forças aliadas contra o nazi-fascismo. Foram nove meses de batalha, até a rendição de Hitler. Entre os piores momentos do combate, marcaram o inverno rigoroso e o chamado “batismo de fogo”, primeiro confronto corpo a corpo dos pracinhas

Por Louise Aguiar

Fotos: Francisco José de Oliveira

SETENTA E UM ANOS se passaram desde que Alcindo Arnaldo da Silva, hoje com 88 anos, foi combatente na Segunda Grande Guerra Mundial. Mas nem o tempo nem o Alzheimer que o acometeu recentemente o fizeram perder as lembranças dos nove meses que passou na Itália compondo a Força Expedicionária Brasileira (FEB), junto a outros 25.333 soldados compatriotas, sendo 341 potiguares.

Natural de Jucurutu, seu Alcindo tinha apenas 17 anos quando se alistou e foi enviado junto à FEB para a Itália, em setembro de 1944, para lutar junto aos aliados na Segunda Guerra. Ainda não tinha completado os 18 necessários para ingressar no serviço militar, mas recebeu uma “ajudinha” e acabou embarcando numa longa viagem de navio até a cidade italiana de Nápoles.

“Estava desempregado, liso, não arranjava emprego porque não tinha idade para trabalhar. Tentei várias vezes e não conseguia me alistar. Até que encontrei um oficial amigo meu que ajeitou para eu entrar, colocou que eu tinha 18 anos. Ele disse que era certo eu ir pra Itália e perguntou se eu queria ir. Disse que ia na hora”, conta Alcindo, que é um dos poucos ainda vivos e mora em uma casa com sua esposa no bairro de Lagoa Seca, em Natal.

Questionado sobre o que achou de estar na guerra, respondeu de pronto: “Não posso dizer que foi bom, mas até certo ponto



Companhia Lapa Azul

foi muito divertido. Na guerra não se briga de dia e de noite, não. Tem os descansos, as folgas”, conta. Ver as italianas passarem na rua era uma das diversões dos pracinhas, que aproveitavam para fotografá-las. Muitos voltaram para o Brasil com fotos das moças.

Em relação aos italianos, diz que são um povo muito bom e que falam um “português misturado”, fácil de entender. No acampamento, costumavam fumar muito para espantar o frio e quando cozinhavam um grande caldeirão de papa de aveia algumas vezes tinham que jogar tudo fora, por que os alemães sobrevoavam os locais com espelhos, e as grandes panelas de papa poderiam ser refletidas em um deles e denunciar onde estavam escondidos. “Aí a gente tinha que jogar toda comida fora”, lembra.

Seu Alcindo participou de

duas grandes batalhas, a tomada de Montese e a de Monte Castelo. A segunda foi a mais importante, porque apenas os soldados brasileiros participaram do combate, já que os americanos lutavam em outro teatro de operações no momento. A cidade era alta e estava sob o comando dos alemães, e a falta de experiência no frio prejudicou os brasileiros. Mas nem por isso a luta foi perdida. Foram cinco tentativas até recuperar a cidade italiana.

O soldado potiguar também participou de uma batalha mais sangrenta, a chamada Batalha Urbana, em Montese, que rendeu muitas baixas para a FEB. Aconteceu dentro da própria cidade. No dia 14 de abril de 1945 os brasileiros conquistaram Montese, que representava o último reduto que os germânicos tinham fortificado para resistir ao avanço aliado.



Monumento em homenagem aos soldados brasileiros



Alcindo Arnaldo guarda todas as lembranças do período, mesmo 71 anos depois

Foto: João Neto

## Pânico e alívio

Os piores momentos da guerra para Seu Alcindo foram dois: o inverno rigoroso e o chamado “batismo de fogo”, a primeira vez dos soldados no fronte de batalha. “Tem aquela solenidade e aí vai todo mundo pra batalha, combater o que vier pela frente”, explica. E o sentimento? “Muito medo, ‘paura’, como eles chamam lá”, emendou.

Sobre o inverno rigoroso, lembra uma verdadeira tromba d’água que praticamente destruiu o acampamento dos brasileiros e derrubou muitas barracas. “Era um frio desgraçado, saímos para pedir socorro em cidades vizinhas”, relata. Lembrou de uma história engraçada. “O inverno era tão grande que para acender um fósforo os soldados enrolavam em

um papel e colocavam dentro da calça, bem na regada. Quando o papel já estava molhado de suor, era que a gente sabia que ia conseguir acender o fósforo e fumar”, conta entre risos e ao mesmo tempo envergonhado, por contar a travessura.

O melhor momento vivido na guerra foi, elementar, quando acabou. Ao retornar para o Brasil, Alcindo Arnaldo foi trabalhar na construção da barragem de Oiticica, em Jucurutu, onde constituiu família e os filhos nasceram. Hoje, 71 anos depois, ainda mantém intactas as condecorações e o diploma que recebeu por defender os Aliados na Segunda Guerra Mundial. O terno cheio de medalhas e o quadro repleto de diplomas são exibidos com orgulho e nostalgia.



Mario Pereira, responsável pelo memorial



Busto do Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB



Homenagem da brasileira Elza Cansanção

## Monumento brasileiro na italiana Pistoia

Os nove meses de batalha, que resultaram na libertação das cidades italianas tomadas pelos alemães a mando de Hitler, renderam aos brasileiros uma homenagem, o Monumento Votivo, localizado em Pistoia, na Itália, uma espécie de memorial. O pesquisador Mário Pereira mora na Itália e é hoje o responsável pelo memorial. Em entrevista a Bzzz, relembrou a batalha e o tempo vivido pelo seu pai, Miguel Pereira, na época 3º sargento da FEB.

Foram 25.334 soldados brasileiros, que chegaram à Itália em setembro de 1944, em cinco escalões sucessivos, enviados pelo Brasil participar da Segunda Guerra Mundial, ao lado dos Aliados. Seu Alcindo e um tio, além de outro cidadão jucurutuense, foram alguns dos 341 potiguarenses que encorpam o fronte brasileiro.

“Após a primeira parte da participação na área litorânea da Toscana, a partir de setembro e até final de outubro 1944, com a libertação das cidades de Massarosa e Camaiore, do Monte Prano e de várias cidades no vale do Rio Serchio, os soldados da FEB foram transpostos no setor da Linha Gótica, nome do sistema defensivo germânico, do apenino Tosco-Emiliano entre Lizzano Belvedere e Vergato”, conta Mário Pereira.



Neste setor, os soldados da FEB combateram as grandes batalhas, como Monte Castelo, Castelnovo e Montese. Monte Castelo era um baluarte germânico que mantinha o controle sobre a Rota 64 (SS64) e o vale do Rio Reno, uma das diretrizes do ataque que levariam os aliados à cidade de Bolonha. “Fundamental o controle deste ponto estratégico e tático. Os brasileiros atacaram este monte durante cinco tentativas em quatro meses (novembro de 1944 a fevereiro de 1945), e apenas na quinta tentativa, 21 fevereiro, conseguiram tomar conta da montanha, aguentando e repelindo os contra-ataques que os contrários costumavam desfechar”, acrescenta.

Em 5 de março veio a conquista de Castelnuovo, outro ponto dominante deste vale, que também estava sob a posse do exército ale-

mão. A partir daí, a trajetória da FEB, em vez de prosseguir rumo a Bolonha, foi desviada pela esquerda, em direção a Modena. No final do mês de abril, na área de Collecchio e Fornovo di Taro, veio a rendição de uma divisão inteira de germânicos e grupos das Divisões Italianas San Marco e Italia.

A mensagem de cessar fogo surgiu quando a vanguarda da FEB se encontrava em Alexandria, recebida pelo então 3º sargento marconista Miguel Pereira, pai de Mário. A ação de limpeza e controle do território levou os brasileiros até Turim e Susa, na divisa com a França, onde se encontraram com elementos do exército francês. Os brasileiros só retornaram para casa após a rendição de Adolf Hitler.

Dos 25.334 soldados, 443 faleceram e foram sepultados no ce-

mitério de guerra de Pistoia, além dos aviadores do primeiro grupo de caça da Força Aérea Brasileira (FAB), apelidado “Senta Pua!”, somando, assim, 465 mortos. Dentre os soldados do Rio Grande do Norte que participaram da FEB, não se conhecem as unidades às quais foram incorporados, mas representavam 1,4 % do total do efetivo da Força.

Uma curiosidade sobre o símbolo utilizado pela FEB era o de uma cobra fumando. Na época, antes de os brasileiros irem para a guerra, dizia-se que era mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil participar do combate. Quando, finalmente, foram acionados, adotaram o símbolo para rechaçar a descrença. Ao tomarem a primeira cidade italiana dos alemães, todos gritaram: “a cobra fumou!”.

## Heroico brado

Enquanto ecoavam ruídos das aeronaves, provavelmente alemãs, em sobrevoos e o barulho de explosões, bravos soldados brasileiros que participavam da FEB cantaram o Hino Nacional na Catedral de Pisa, na Itália. Um trecho do brado retumbante foi gravado por Francis Hallawell, repórter inglês que falava o português e era responsável pelo serviço brasileiro da BBC de Londres como correspondente de guerra na Itália. “Realizou-se domingo passado na histórica Catedral de Pisa, solene missa realizada pelo capelão-chefe da FEB, Padre Félix Silva, e assistida pelas tropas brasileiras [...]”, segundo pesquisa da Revista Fênix.

Intrigam os ruídos durante a gravação. De acordo com pesquisa da Revista Fênix, o trecho se inicia “aumentando lentamente o volume a partir do verso “teus risinhos lindos campos têm mais flores...” até o final. O eco no interior da catedral acarretou num problema para a clareza da gravação, e o canto parece estar um semitom abaixo do tom oficializado para a versão cantada do Hino Nacional.

Ocorre um erro generalizado na execução da melodia nas palavras “símbolo” e “flâmula”, onde a primeira sílaba é acentuada com uma nota mais alta que as demais – o que não ocorre na música de Francisco Manuel da Silva, mas é uma tendência generalizada do canto leigo induzida pelas proparoxítonas adotadas nesses trechos na letra de Joaquim Osório Duque Estrada”.

Nos relatos pesquisados pela revista, os ruídos de aeronaves e explosões atrapalham “justamente no momento em que se inicia o verso “Mas se ergue da justiça a clava forte/ Verás que um filho teu não foge à luta/ Nem teme quem te adora a própria morte””. Pesquisadores consideram intrigante a presença dos ruídos. “Seria uma coincidência ocorrer um bombardeio enquanto os soldados entoavam o hino? Ou montagem de propaganda, onde o ruído das bombas foi sobreposto para acrescentar maior emoção à audiência e acentuar o heroísmo dos soldados brasileiros cantando sob um direto bombardeio aéreo?”.



# Paraíso ao norte

Em meio a um cenário paradisíaco e exuberante jardim, a Pousada Enseada dos Amores, na praia de São José de Touros, distante 97 quilômetros ao norte de Natal, é o local ideal para relaxar e cenário romântico para namorar. Ao lado, ergue-se um condomínio-hotel com todas as casas de frente para o mar

Por Louise Aguiar

**O LITORAL DO RIO** Grande do Norte é dos mais belos do Brasil, com dunas, falésias, farta vegetação típica, praias de águas mornas. Algumas ainda guardam a tranquilidade de uma vila de pescadores. O lado sul é conhecido também pela intensa agitação, principalmente quando chega o verão. O norte é mais sossegado, ideal para quem quer relaxar, saborear boa gastronomia e, claro, também namorar, ao som das ondas e dos pássaros.

Uma dessas praias do litoral norte potiguar que ostenta beleza e sossego é São José de Touros, que, apesar de pertencer ao município de Touros, fica coladinha na famosa São Miguel do Gostoso. Um verdadeiro paraíso de belezas naturais frequentado por poucos, a 97 quilômetros da capital, Natal. Uma praia praticamente deserta, mas que vem crescendo graças a investimentos imobiliários e hoteleiros, nos últimos anos. De mar calmo e faixa de areia extensa, ver um buggy passeando pela praia é raridade. Veranistas, então, mais raro ainda. Nesse pedaço do litoral, rodeado por bungalowues, existem, juntas, oportunidades de descanso e investimento.

A Pousada Enseada dos Amores é a primeira parada para quem sai de Natal pela zona norte e percorre a BR-101 com destino a São José de Touros. Localizada no início da vila de pescadores, em frente a um mar calmo e quase deserto, a pousada é lugar perfeito para quem busca aconchego, conforto e sossego. Especializada em pacotes de lua-de-mel, foi construída em 1998 pelo turismólogo e empresário Breno Tinoco, e desde então vem sendo constantemente aperfeiçoada.

Gostoso fica a apenas seis quilômetros de distância, mas quem procura belezas naturais e sossego pode ficar mesmo por São José, que alguns até chamam de São José do Gostoso, tamanha a proximidade. Os espaçosos chalés, com 55 metros quadrados e itens exclusivos como ofurô e banheira de hidromassagem, compõem o cenário bucólico da pousada, que recentemente recebeu quatro bangalôs, equipados com piscinas privadas. Quem lá se hospeda pode se acostumar a ler frases de grandes poetas, como Carlos Drummond de Andrade, espalhadas por suas paredes. Detalhes pensados carinhosamente por Breno e seu sócio, Emarildo, que depois de um tempo mergulhou no negócio.

Os bangalôs têm decoração romântica e são exclusivos para casais. Mas também



Bangalôs amplos têm piscina privada, cama king size e chuveiro com cromoterapia



Os chalés românticos, construídos em forma de U, têm vista para o mar e camas com dossel, cada com banheira de hidromassagem ou ofurô



é comum ver famílias e crianças circulando pela pousada e os turistas são basicamente do Sul e Sudeste do país. “Todos os fins de semana temos gente hospedada aqui”, frisa Breno, que conta orgulhoso a história do lugar. Ao entrar no curso de Turismo, seu sonho desde estudante era construir seu próprio negócio. Encontrou o terreno em São José de Touros quando estava concluindo o curso e não hesitou em vender uma casa que tinha em Natal para comprar o terreno de nove mil metros quadrados. Cresceu e ampliou com os bangalôs e o novo projeto do empresário, um condomínio-hotel que deu o nome de Bougainville.

Cada chalé foi sendo construído devagar e com muito esforço. “Você pode observar que eles têm arquitetura diferente, porque a cada ano a gente juntava um pouquinho e construía mais um chalé”, conta. São ao todo 17 chalés, divididos em românticos e família, equipados com cama queen size, ar-condicionado split, TV de LCD, chuveiro aquecido por energia solar, banheira de hidromassagem ou ofurô. Todas as acomodações possuem vista para o mar. A maioria das camas têm dossel (cobertura ornamental, de madeira, sustentada por colunas).



O pôr-do-sol na praia de São José tem a peculiaridade do tom dourado

Recentemente, Breno decidiu investir em bangalôs. Apos- tou alto na decoração. Ainda mais espaçosos que os chalés, contam com cama queen size, jardim externo e interno, varanda, piscina exclusiva e chuveiros com cromoterapia. Já os chalés família comportam até quatro pes- soas com dois ambientes, sendo um com duas camas de solteiro e outro com uma cama de casal, além de uma TV em cada um dos ambientes. A proximidade com a área de lazer – composta de duas piscinas, adulto e infantil – é ou- tra característica do chalé família.

Para proporcionar mais conforto aos hóspedes, Breno Tinoco investiu em um amplo es- paço de relaxamento, com mas- sagista e ofurô, de frente para o mar, na área verde da pousada. Cavalos, paixão do proprietário,

também estão disponíveis para aluguel para um passeio pelas areias de São José de Touros. “Aqui é o lugar certo para deses- tressar, sair da vida corrida e ter um pouco de sossego e tranqui- lidade”, acrescenta o empresário.

A boa gastronomia é ou- tro item que torna a Pousada dos Amores inesquecível, em um restaurante que serve como mi- rante, onde os hóspedes podem apreciar a culinária local com vista para o mar. Pratos como o camarão aos amores, servido no abacaxi, e a sobremesa surpresa dos amores – que nunca teve a receita revelada – são os desta- ques de dar água na boca. Uma diversidade de pratos com frutos do mar, carnes, peixes, massas e drinques ainda compõem o car- dápio do restaurante. Além de uma pequena adega.



Espaço relaxante com vista privilegiada da praia quase deserta



Camarão aos amores



Surpresa dos amores



Ceviche de peixe

## O condomínio

No terreno ao lado da pousada, Breno Tinoco se prepara para uma nova empreitada. Trata-se do Bougainville Condo-hotel, um residencial de casas com serviço de hotel e vista para o mar, capitaneado pelo empresário junto ao seu sócio. Em fase de lançamento, o empreendimento já conta com duas casas “reservadas”. São terrenos de 410 metros quadrados que serão comercializados, em média, por R\$ 125 mil. A construção das casas fica a critério do comprador, mas Breno oferece a opção de construí-las, ao preço médio de R\$ 100 mil.

São casas com dois e três quartos, dois banheiros, sala, cozinha e varanda. Duas delas, já erguidas, estão disponíveis para venda. “A nossa proposta é que a pessoa tenha sua casa, a escritura, mas a coloque para o condomínio administrar. É uma forma de ter renda com o imóvel, alugando-o por temporada, por exemplo”, explica Tinoco. O residencial terá 20 casas, um amplo restaurante e área de lazer com piscina semiolímpica, sauna e bar molhado.

A engenharia do Bougainville foi toda pensada para ser um condomínio em formato de U, de maneira que todas as casas tenham vista para o mar, assim como fez com a pousada. O trânsito de carros será por detrás das residências, sendo proibido o fluxo de veículos dentro do residencial. A ideia é proporcionar o sonho da casa de praia para aquelas pessoas que desejam o mar, mas não

querem ter despesa fixa mensal para a manutenção. O principal público do empreendimento são pessoas do Sul e Sudeste do país, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília. Os estrangeiros também já manifestaram interesse, assim como alguns natalenses.

Breno Tinoco é hoje o primeiro hoteleiro da região a se manter atuando no ramo. Decidiu apostar no condomínio Bougainville porque tem visto as redondezas de São José de Touros e São Miguel do Gostoso crescerem. “Fomos crescendo e vendo a cidade crescer de maneira ordenada. É uma cidade que tem plano diretor, que recebe investimentos de pessoas sérias e interessadas no desenvolvimento do lugar, todo ano surgem novos restaurantes, com uma culinária bem diversificada. Acreditamos que tem tudo para dar certo”, vislumbra.

Segundo o empresário, São Miguel do Gostoso protagonizou crescimento baseado no plano diretor e na conscientização dos nativos. Os jovens de hoje foram conscientizados quanto ao destino do lixo quando ainda eram crianças, 20 anos atrás. O trânsito na praia, por exemplo, é proibido há muito tempo. Como é um dos melhores lugares do mundo para a prática de kite e windsurf, o município tem recebido muitos esportistas que decidem investir e montar um negócio no lugar, gerando emprego e renda para a população.



“Quando vi esse terreno disponível só tinha coqueiros, mas me apaixonei de cara. Acabei vendendo minha casa em Natal e investi tudo aqui. Hoje vejo que foi a melhor decisão que tomei na vida”, afirma Breno, enquanto admira a vista da pousada para o mar. O terreno que inicialmente possuía nove mil metros quadrados foi sendo ampliado e a estrutura de hospedagem aperfeiçoada ano após ano. Hoje o empresário comemora o sucesso da pousada e a aposta em mais um grande investimento, que trará visibilidade, emprego e renda para São José de Touros.



Com a proposta de um Condo-Hotel, Residencial Bougainville é o novo empreendimento de Breno Tinoco, em fase de lançamento



# Dois em um

Jovens empresários se unem para transformar esquina do bairro do Tirol em uma das mais charmosas de Natal, com mix de sabores e baladas. A proposta inovadora reúne empório e pub

Por Janáina Amaral  
Fotos: Suely Nomizo



O GRANDE IMÓVEL NA esquina da Rua Mossoró com a Avenida Rodrigues Alves, que já foi point de baladas, ganha repaginação para se transformar num mix de gastronomia e festa, em espaços independentes, idealizado por experientes empresários dos dois segmentos que se uniram em torno de sabores e embalos. No térreo funcionará o Bigi Empório, e no andar superior o já em funcionamento Medievo Pub, que deixou o Largo do Atheneu para o novo endereço.

O Bigi Empório tem como proposta uma gastronomia prática e de qualidade, onde o carro-chefe serão as famosas, leves e deliciosas massas preparadas pelo economista e chef italiano Brunaldo Bigi, que reside em Natal há dez anos. “As pessoas poderão comprar e levar para casa uma massinha saborosa e prática, podendo ser esquentada no micro-ondas”, explica o chef.

No cardápio, massas mais elaboradas, como canelone de ricota e

espinafre, lasanhas de vários sabores, rondelles, além das mais simples, como fettuccine, espaguete e pappardelle. Queijos, salames, presunto de parma, jamón e croccantini de pão serão servidos para que os clientes possam montar sua tábua de frios. Os pratos podem ser degustados no local ou levar para saborear em casa.

Brunaldo possui uma produção de massas e pizza no bairro de Ponta Negra, onde ele prepara os produtos do seu restaurante Pasta&Pasta, que fica no Midway Mall. “Depois de várias pesquisas e testes conseguimos desenvolver uma tecnologia que permite que as porções fiquem guardadas na geladeira por até 30 dias”, revela.

O empório terá dez mesas e, além das massas, vai disponibilizar vinhos e cafés. Apesar de um ambiente convidativo, não terá estrutura de restaurante nem de bistrô. O Bigi funcionará de segunda a sábado, das 10h às 20h. Nas datas de funcionamento do Medievo (sexta e sábado), o horário será ampliado até meia-noite.



## Parceria

Cada sócio tem seu próprio negócio, mas a inquietude e a vontade de inovar motivaram os jovens empresários Brunaldo, Juliano Porciúncula (Seven Pub, Café do Bárbaro e sócio do Chefs Bistrô), Marcelo Lima (à frente do Buraco da Catita e sócio do Chefs) e Felipe Abott (engenheiro civil) a criar o novo empreendimento, com o propósito de tornar uma das esquinas mais charmosas de Natal em um lugar prazeroso e rentável.

As conversas e planos começaram no segundo semestre de 2014. Em outubro, a reforma começou e o Favela, mais recente pub do endereço, já não existe mais. O local ganha nova estrutura, com projeto arquitetônico assinado por Danusa Alvarenga, para entrar em cena de maneira harmônica e bom gosto.

“A casa onde o Favela funcionava sempre nos incomodou, porque a gente só abria duas ou três vezes na semana e à noite, e todo o

resto do dia ela fechava. A ideia do empório vem sendo ensaiada já faz um tempo e o projeto foi tomando forma. A entrada do Bigi será pela Rua Mossoró e o Medievalo pela Avenida Rodrigues Alves”, explica Juliano Porciúncula. O pub terá capacidade para 300 pessoas e a expectativa é de que abra as portas neste mês de março.

“Não queremos criar falsas expectativas. O Bigi não é um restaurante, é um empório. O Medievalo vem com proposta de pub”, diz Marcelo. Os sócios estão animados e garantem que o projeto vai dar certo. “Na Itália, não chamamos de empório, e sim de rotisseria. Há dez anos, Natal não estava pronta para esse tipo de negócio, agora está. Hoje você compra e consome em casa. Muita gente gosta de praticidade e qualidade. Em Milão é assim e aqui temos certeza de que será uma forte tendência”, acredita o italiano Brunaldo.



Juliano Porciúncula



Brunaldo Biggi



Marcelo Lima

# unigráfica

# OCTÁVIO SANTIAGO

## RECEITAS DE AMÉLIE



Não é por acaso que a palavra "clichê" é de origem francesa. Etimologicamente falando, a história é outra, mas prefiro acreditar que tudo nasceu das iteradas descrições de Paris. Elogios que se repetiam e se repetem. De fato, pedindo permissão para tanta previsibilidade, a Cidade Luz é mesmo extraordinária. Sua gastronomia então nem se fala. O grande prestígio dado à culinária da França é comprovado em cada esquina, em cada bistrô. São muitos endereços, muitas boas lembranças, porém apenas uma página para reuni-los. Ficaremos com quatro deles, capazes de tornar esse destino ainda mais fabuloso. D'accord!

**LES COCOTTES** As filas na porta não são à toa. As delícias do chef Christian Constant servidas em pequenas panelas de ferro conquistaram Paris. Tanto que os prêmios não param de chegar. O preço justo é um ingrediente extra. (135, Rue Saint-Dominique)



**GEORGES** Em cima do Centro Georges Pompidou, esse restaurante tem a vista como o melhor tempero. Das mesas do terraço, vê-se da Torre Eiffel a Notre-Dame. A cozinha francesa contemporânea é a sua especialidade. (Place Georges-Pompidou)

**LES PHILOSOPHES** Instalada de forma despretensiosa em uma esquina do Marais, a casa tem como proposta as tradicionais mesas de calçada. Confit de pato e ovos poché com aspargos integram o menu degustação. (28, Rue Vieille du Temple)



**LE BISTROT D'HENRI** Esse é um daqueles lugares frequentados majoritariamente pelos nativos. As razões estão na combinação perfeita entre sabor e preço. A chegada e a saída pelo charmoso Saint-Germain-des-Prés são parte da refeição. (16, Rue Princesse)



### Tentáculos a postos

Com unidades prestes a serem inauguradas até em Miami, nos Estados Unidos, o restaurante cearense Coco Bambu lança suas lupas também sobre o mercado potiguar. A praia de Ponta Negra, em Natal, está nos planos de expansão da rede especialista em frutos do mar, que já conta com filiais nas capitais nordestinas Salvador, São Luís e Teresina.



### A piscina do vizinho

Da praia de Tambaú, em João Pessoa, saem os catamarãs com guia e serviço de bar rumo às piscinas naturais de Picãozinho. A água morna e extremamente clara permite a visualização dos peixes coloridos que habitam a região. O passeio que cabe em programações de final de semana custa em média R\$ 50 e costuma ser realizado até as 13h.

### Demarcando território

Para fugir da dúvida "será que é a minha?" ou simplesmente quebrar a monotonia cromática das esteiras de aeroporto, a dica é adquirir uma das etiquetas chamativas para malas. Pelo site da Follow The Colours (ftcshop.com.br), compra-se tags irreverentes, com imagens ou mensagens, a partir de R\$ 15.



# NA CORTE

Fotos: Paulo Lima

Badalada colunista de Natal, Hilneth Correia festejou grito de felicidade na capital federal, com almoço oferecido pela norinha Aline Oliveira, namorada do filho Raphael Correia, que está morando em Brasília.

Os tilintares foram na chácara da família Oliveira, em São Vicente. A aniversariante preparou uma carne de sol a cara do Nordeste e as demais delícias foram preparadas pelo staff da cozinha da chácara.



Raphael e Hilneth Correia



Neri Cunha, Erna Bauer, Antenor Madruga



A anfitriã Aline com a mãe Laura Oliveira, Hilneth e Raphael



Aline com Mateus Braz, Lanna e Henrique Oliveira Arruda com Luana Oliveira



Emanuel e Mônica Ferreira com Leila Daiberc



Leda, Carmelita e Lenita Pina



Elenice Ferreira e Emival Oliveira



Marco Vieira e Edilaine Gervasoni

# DRESS CODE FOR DUMMIES

Você é do tipo que treme quando é convidada para uma festa e fica perdida sem saber o que vestir, com quanto tempo deve marcar o cabelo e maquiagem no salão e não faz ideia de quais acessórios deve usar nas ocasiões? Calma! Respira... Aqui vai um manual para não errar

Por Larissa Soares

## EVENTOS DIURNOS

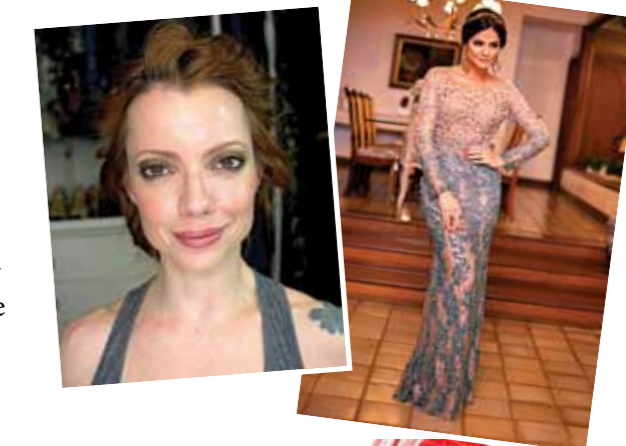
Os eventos diurnos pedem looks mais leves, com materiais naturais e caimentos fluidos. As cores podem variar das mais claras às mais vibrantes, mas deve-se evitar os tons mais sóbrios como o preto, por exemplo. Os acessórios devem respeitar o ambiente do evento, jardins e areia requerem que você desça do salto. Clutches com materiais rústicos podem quebrar a seriedade do look e dar charme à produção. A maquiagem e o cabelo seguem a mesma linha, nada de excessos, quanto mais natural melhor.

## EVENTOS FORMAIS

Nos eventos formais quanto menos pele estiver à mostra, mais adequado está o look. Podem guardar os brilhos e paetês para outra ocasião, aqui a alfaia ganha destaque. Procure investir em peças com cortes clássicos, mas com roupagem moderna, os macacões estão em alta e são uma ótima opção. Os acessórios também merecem maior seriedade, assim como o cabelo e a beleza. Mas nada de caretice, por favor! Cabelo com risca no meio e batom vermelho são infalíveis nessas ocasiões.

## EVENTOS NOTURNOS

Os eventos noturnos podem variar bastante a indumentária, tudo vai depender da ocasião, mas a liberdade aqui é maior, o brilho e os comprimentos tanto curtos quanto longos podem ganhar destaque, conforme o local e o tipo de evento. Casamentos pedem maior sofisticação, formaturas permitem uma maior ousadia e jantares requerem simplicidade.



# 10 PASSOS PARA NÃO ERRAR NUMA FESTA



**1** Assim que receber o convite, procure agendar os horários no salão - isso se você não for uma moça autossuficiente no quesito beleza. Não se preocupe se está muito longe da data, é melhor garantir seu horário o quanto antes.

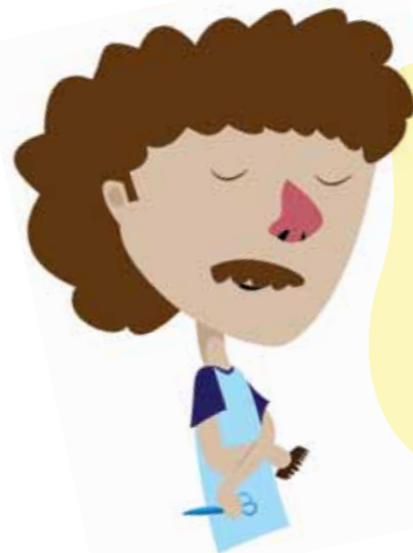
**2** Separe a roupa com antecedência, prove para saber se ela precisa de algum ajuste. Isso evita estresses no dia do evento.



**3** Prove os acessórios com a roupa que pretende usar, pois é mais fácil harmonizá-los assim.



**4** Roupas de festa normalmente possuem decotes e marcam o corpo, então lembre-se de escolher a lingerie certa para não marcar.



**5** Não sabe que produção pedir para o seu maquiador/cabeleireiro? Confie na experiência dele e peça sua opinião. Também existem vários perfis no Instagram com inspirações como o [@ddbinspira](#), [@maquiagemx](#) e [@penteadosx](#).

**6** Maquiagem corporal é um truque incrível que nem todos se lembram de usar. Várias marcas já possuem esse tipo de produto, alguns dão cor e outros apenas iluminam as pernas ajudando a disfarçar imperfeições.



**9** Chegou à festa e o dress code era diferente do que você imaginava? Relaxe e aja com naturalidade, isso pode acontecer com qualquer um. Ficar escondida e acanhada na mesa só vai piorar a situação. O mesmo vale para quem encontrar alguém com uma roupa igual.



**7** Para uma noite tranquila, sem ficar com os pés doendo, procure ajustar seu calçado com palmilhas e protetores nos locais com possibilidades de machucar.



**8** NUNCA decida fazer uma mudança radical, como cortar ou pintar o cabelo no dia de um evento importante, as chances de você se arrepender são altíssimas.



**10** Fim de festa. Espero que tudo tenha dado certo, só não saia com docinhos no guardanapo, por favor! Bocadoitos, Jolie Patisserie e D'aguia, em Natal, estão aí para matar sua vontade de doce depois da festa.



# Além do padrão

Loja nova em projeto arquitetônico com fachada de aço, terraço e escada escultural

Fotos: Wellington Fernandes



Email: wfarquitetura@yahoo.com.br  
Telefones: (84)9962-2909  
(84) 9407-9976

**QUEM PASSA PELA PRINCIPAL** avenida de Natal, a Hermes da Fonseca, imediatamente se impressiona ao passar em frente à Oficina Interiores, pela imponência e o charme da grande loja. Belas vitrines, com a transparência dos vitrais, ocupam dois andares que somam 1.500 metros quadrados arrojados, que dão aos móveis ares de obras de arte.

O projeto do arquiteto Felipe Bezerra foi pensado para harmonizar o estilo dos diferentes móveis, que passem do contemporâneo ao clássico, em diversos ambientes integrados. Na cartela de cores, predominam os tons sóbrios, para enaltecer as peças.



Os maiores destaques são a escada, o espaço aberto e a chapa de aço na fachada. “O projeto tem um pé direito bem alto, exaltado com a escada que parece uma escultura e faz as pessoas terem vontade de passar pelo detalhe até os outros ambientes”, explica Felipe. O arquiteto conta planos maiores para o local, onde o terraço possa ser uma área de eventos e, possivelmente, um café.

A Oficina Interiores conta com móveis para salas de

jantar, quartos, áreas externas, home office e home theater, entre tantas outras possibilidades de um lar. Para isso, seleciona as peças de fabricantes renomados do país. A loja está no mercado potiguar há dez anos, com a ideia de arquitetura e decoração diferenciadas, que levem energia aos ambientes, onde passeiam bom gosto e personalidade atualizados com as tendências de eventos mundiais para os lares do Rio Grande do Norte.



## CARLOS DE SOUZA



## Marcelus Bob

Pinceladas fortes e cores bem definidas fazem de Marcelus Bob um dos artistas mais criativos no cenário das artes plásticas potiguares. Nascido em Mãe Luiza, local que o inspira e serve de moradia, o artista gosta de abordar temas como a paisagem urbana de Natal, o imaginário boêmio e a natureza. O nu feminino é também uma de suas especialidades que chamam a atenção pelo inusitado das formas.



## Vicente Vitoriano

Professor de arte da UFRN, Vicente Vitoriano pesquisa história da arte potiguar e história da educação. Como exerce também o ofício de crítico de arte, sua pintura é caracterizada por um profundo sentido estético. O uso das cores e da geometria são seu ponto forte. Mas o que mais se destaca em seu trabalho é a inquietação que provoca no espectador. A cada fase de sua criação ele imprime um estilo diferente, não permitindo a acomodação. Um artista soberbo que ainda canta num grupo chamado Gato Lúdico.



## Fábio Eduardo

Ele começou a pintar ainda no Jardim de Infância do Colégio Padre Thiago, em Igapó. Fábio Eduardo é um artista de técnica impecável. Sua grande arma é o desenho e uma temática variada com o uso de cores exuberantes. Sua pintura não tem vinculação com movimentos artísticos intelectualizados. É uma pintura crua, honesta e intuitiva. O resultado são telas de grande beleza.



## Flavio Freitas

Com formação em arquitetura e música, Flavio Freitas se destaca como um dos grandes artistas plásticos da nova geração potiguar. Seu ateliê na Ribeira abriga suas variadas fases de uma pintura que se caracteriza pela alegria das cores. Animais, pessoas e paisagens são seus temas preferidos. Ele também é apaixonado por ciclismo. Já fez uma viagem de Natal a Canoa Quebrada, no Ceará, acompanhado de seus dois filhos. Essa viagem se transformou em uma série de telas com motivos bem coloridos



## Djalma Paixão

Autodidata, Djalma Paixão diz que começou a pintar influenciado pelos trabalhos de Newton Navarro e Dorian Gray Caldas. Suas telas, muito coloridas, são totalmente inspiradas na cultura popular. Boi de Reis, Pastoril, Fandango, Chegança, Côco de Zambê, são seus temas prediletos. Ele gosta também de pintar paisagens, plantações de cana de açúcar, algodoads. Esse amor pela cultura popular surgiu quando ele viajava com o Circo da Cultura pelo interior do Rio Grande do Norte.



## Valderedo

Nascido em Currais Novos, Valderedo Nunes (ele assina suas telas só com o primeiro nome) entrou no mundo das artes plásticas quase por acaso. Ele conheceu o agitador cultural Eduardo Alexandre que o incentivou a pintar. Então ele adquiriu todos os livros disponíveis sobre artes plásticas e foi estudar os grandes mestres. O resultado é uma pintura de cores vivas com desenhos inquietantes que lembram os traços do cubismo em algumas telas e também do modernismo brasileiro.



## Ítalo Trindade

Estudioso da história da arte, Ítalo Trindade também é um crítico severo das artes plásticas. Dono de uma técnica impecável do desenho, ele também se sai muito bem com a arte abstrata. Geometria e cores são seu forte. Sua arte é densa e provocadora de rupturas. Ele é um dos nomes mais respeitados nas artes plásticas potiguares da nova geração.



## Assis Marinho

Este é certamente um dos maiores artistas plásticos potiguares dessa nova geração. Assis Marinho é um talento nato, mas sua vida conturbada às vezes turva a qualidade de sua obra. Ele é especialista em pintar temas religiosos, mas sua fase de trabalhadores é uma das mais procuradas por colecionadores. Sua pintura é caracterizada por um desenho forte, preciso e colorido. É um autodidata também, não frequentou escolas de arte. Dessa pintura ingênua surgem imagens que perpetuam o imaginário popular potiguar. O cineasta Paulo Laguardia está fazendo um documentário sobre o artista.



# TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti  
Fotos: João Neto

## Glamour

Empresária de moda que acontece em Natal, Tereza Tinoco marcou os seus 40 anos com uma grande festa, no Hotel Vila do Mar, Via Costeira, no dia 2 de março de 1999. Muitas foram as insinuações em busca de convite para a ocasião que movimentou a cidade antes, durante e depois da celebração, mas apenas 250 convidados tiveram o privilégio. A decoração ficou a cargo do badalado arquiteto Renato Teles, e as delícias com assinatura do mais-mais tradicional: Nick Buffet. A festa inovou. Saiu da formalidade de todos os convidados sentados e música de fundo, para poucas mesas e muitos convidados circulando, garantindo uma ocasião descontraída e dançante, ao som dos hits dos anos 70, 80 e 90, que terminou nos primeiros raios do sol.



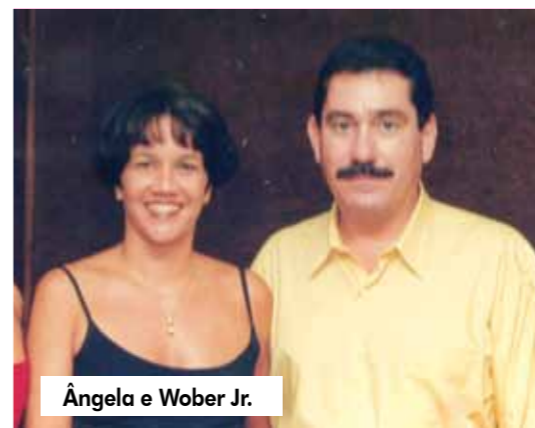
A anfitriã Tereza Tinoco



Lucy Collier, Diva Duarte, Ana Regi a Salutino, Ustana Bezerra, Ivone Gallindo, Cármen Macedo, Cláudia Gallindo



Adriana Flor, Tereza e Jota Oliveira



Ângela e Wober Jr.



Silvana e Eduardo Gadelha com Márcia e Paulo Coelho



Com os filhos, Lula e Pedro Henrique



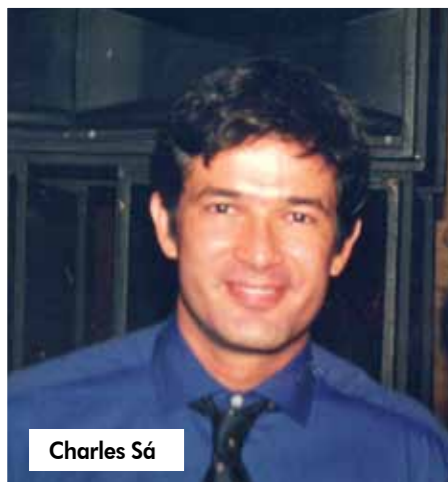
Luciana Galvão



Rui, Arnaldo Filho, Denize, Sérgio e Arnaldo Gaspar celebrando Tereza



As irmãs Nilma e Nilze Dias com Tereza



Charles Sá



Gracinha Ferreira e Renato Teles com a aniversariante



Marlene Tinoco, Thuiza Flor, a aniversariante e Cláudia Schiller



Katarina Araújo Lima, Ustana Bezerra e Fátima Araújo Lima

Rodrigo Menezes da Costa Câmara  
Presidente da Associação Norterio-grandense dos Advogados Trabalhistas



Foto: Elpidio Junior

## Medida Provisória nº 665/2014 e suas repercussões para o trabalhador

A Constituição Federal permite, através da redação de seu art. 62, que a Presidente da República adote Medidas Provisórias com força de lei em casos de relevância e urgência, tendo sido publicada no dia 30 de dezembro de 2014, a Medida Provisória nº 665/2014, que alterou a Lei nº 7.998/90, que regula do Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador, além de modificar a Lei nº 10.779/2003, que trata acerca do seguro-desemprego para o pescador artesanal.

Na prática a Medida Provisória dificultou o acesso dos trabalhadores a benefícios da seguridade social que já integravam o rol de conquistas da classe obreira, o que gerou diversas manifestações de repúdio pelo país, em que pesem alguns defenderem que a medida evitará fraudes e irá diminuir o sangramento dos cofres públicos. Talvez quem tenha este pensamento não levou em conta o custo social da alteração em tela.

O seguro-desemprego, que antes era concedido ao empregado demitido sem justa causa ou por rescisão indireta que contava com 06 (seis) meses de carteira assinada quando do requerimento, passa agora a observar uma gradação para a concessão do benefício. Haverá, assim, uma carência mínima de 18 (dezoito) meses para a sua primeira

concessão, 12 (doze) meses para a segunda concessão e mantendo-se a carência de 06 (seis) meses para aqueles trabalhadores que estão requerendo esse benefício pela terceira vez.

No que tange ao Seguro Defeso – que é uma espécie de seguro-desemprego para o pescador profissional artesanal, temos que este sofreu alteração também em sua carência, a qual era de 01 (um) ano de registro na atividade, passando agora a exigir uma carência de 03 (três) anos. Além do mais, o pescador deve ter contribuído com a previdência social por pelo menos 01(um) ano para ter direito ao benefício.

Em relação ao abono salarial, cumpre registrar que antes era necessário que o obreiro tivesse trabalhado com registro em sua carteira profissional por pelo menos 30 (trinta) dias no ano, com o respectivo cadastro no PIS, quando fazia jus ao pagamento integral do abono salarial no valor de um salário mínimo. Todavia, com o novo regramento, a carência foi alterada para no mínimo 06 (seis) meses de trabalho com registro na carteira de trabalho e o valor do abono passou a ser pago proporcionalmente ao tempo de serviço, nos mesmos moldes do 13º salário.

Insta destacar que as Medidas Provisórias devem ser submetidas ao crivo do Congresso Nacional, não tendo este se manifestado ainda sobre esta norma tão polêmica.

“

Na prática a Medida Provisória dificultou o acesso dos trabalhadores a benefícios da seguridade social que já integravam o rol de conquistas da classe obreira”.

## TV Câmara Natal. Sinônimo de transparência.

Transparência é a virtude de deixar transparecer, de mostrar-se, de apresentar as decisões do legislativo municipal e promover cidadania e cultura com programas que são a cara do nosso povo.

Transparência é mostrar tudo isso com a qualidade do sinal digital aberto para sua casa. É isso que a TV Câmara Natal é, transparente em todos os sentidos.



### PROGRAMAS:

- |                          |                      |
|--------------------------|----------------------|
| ■ SESSÕES ORDINÁRIAS     | ■ TV FISCO EM PAUTA  |
| ■ SESSÕES SOLENES        | ■ TV RURAL           |
| ■ AUDIÊNCIAS PÚBLICAS    | ■ QUINTA JURÍDICA    |
| ■ CÂMARA REPÓRTER        | ■ JUSTIÇA E VOCÊ     |
| ■ COM A PALAVRA VEREADOR | ■ AGORA É LEI        |
| ■ CÂMARA VERDE           | ■ DICAS DA TV CÂMARA |
| ■ CÂMARA ESPORTIVA       | ■ FAÇA O BEM         |
| ■ COMITE DE IMPRENSA     | ■ MEU BAIRRO         |
| ■ DIRETO AO PONTO        | ■ MOMENTO CULTURAL   |
| ■ TELA DE JUSTIÇA        | ■ PERFIL PARLAMENTAR |
| ■ PENSANDO BEM           | ■ PONTOS HISTÓRICOS  |
| ■ EDUCAÇÃO EM PAUTA      | ■ VOCÊ SABIA         |



Câmara Municipal de Natal  
A CASA DO POVO, A SUA CASA.



EM VEZ DE EMPRESA. COOPERATIVA.  
EM VEZ DE ACIONISTAS,  
**COOPERADOS.**  
EM VEZ DE UM PLANO QUALQUER. UNIMED NATAL.

A diferença da Unimed Natal para outros planos de saúde é uma questão de formação: nós somos médicos. Para nós, a saúde vem antes de tudo. O plantão vem antes do descanso.

Mais que uma filosofia de vida. Aqui na Unimed Natal, somos 1404 médicos pensando exatamente desse jeito. Foi assim que criamos uma cooperativa única. Feita para cuidar de você, como só um médico sabe fazer.

[www.unimednatal.com.br](http://www.unimednatal.com.br)

ANS - nº 33559-2

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

**Unimed**   
Natal